

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.^{os} 3 e 4

SUMMARIO. — Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes: actas das sessões da Assembléa Geral de 13 de Fevereiro, 27 de Março, 17 de Abril, 5 de Junho e 1 de Julho de 1898. — Memórias historicas sobre o Mosteiro de S. Claudio, Matriz de Caminha e Egreja de Bravães, pelo sr. Luiz de Figueiredo da Guerra. — Convento de Christo em Thomar: carta ao sr. Visconde da Torre da Murta pelo sr. Ernesto Loureiro. — Mosteiro de Grijó, do sr. Silva Ventura. — Noticias archeologicas, do sr. E. da Rocha Dias. — Charles Garnier: proposta do sr. Adães Bermudes. — Monumentos archeologicos de Chellas, pelo sr. J. J. d'Ascensão Valdez. — As ruinas do Carmo. — Extracto dos officios enviados á Commissão que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes encarregou de redigir a representação ao Governo ácerca dos monumentos nacionaes (continuação).

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão da Assembléa Geral em 13 de Fevereiro de 1898.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. General Antonio Pimentel Maldonado.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^{mo} Sr. Silva Leal.

Compareceram os Ex.^{mos} Srs. Rosendo Carvalheira, Bessone Mauritty, Visconde da Torre da Murta, Cavalleiro e Sousa, Lino de Carvalho, Francisco Parente, Adães Bermudes, dr. Sousa Viterbo e Costa Goodolphim.

Abertura da sessão á uma e meia hora da tarde.

O sr. Presidente disse que, não podendo comparecer o sr. Conde de S. Januario por motivo justificado, nem o sr. Valentim José Corrêa por incommodo de saude, lhe incumbia assumir o lugar da presidencia dos nossos trabalhos, aproveitando o ensejo para se desculpar de ter faltado ás

sessões anteriores e agradecer á Assembléa havel-o reeleito para vice-presidente.

Foi lida e approvada a acta da sessão de 6 do corrente.

O sr. Bermudes propoz que na acta se declarasse que a Assembléa se interessava pelo prompto restabelecimento do seu respeitavel vice-presidente, o sr. Valentim José Corrêa.

Teve unanime approvação esta proposta.

Mencionou-se a seguinte correspondencia:

Um officio do sr. Conde de Samodães, na qualidade de presidente da direcção da Associação Catholica, em resposta á nossa circular de 28 de novembro do anno passado, referindo-se a monumentos religiosos e em especial a duas egrejas do Porto, a de S. Bento da Ave-Maria, condemnada por causa da estação central dos caminhos de ferro, e a de Cedofeita, que, apesar de muitas reconstrucções, ainda conserva o seu caracteristico estylo romanico.

Outro officio do socio correspondente, sr. Silva Ventura, respondendo tambem á circular, e occupando-se dos monumentos da Villa da Feira, sobretudo do seu notabilissimo castello.

Ambos os officios foram enviados á Commissão

que tem de redigir a representação ao Governo acerca de monumentos.

Officio do director da *Typographia Lallémant* sobre assumpto referente ao *Boletim*.

Teve o devido destino.

O sr. Cavalleiro e Sousa chamou a attenção da mencionada Commissão para a urgencia com que são feitas varias reclamações n'alguns dos officios que para ella teem sido mandados.

O sr. Bermudes propoz que se exarasse na acta um voto de louvor á Camara Municipal do Porto, por ter nomeado uma commissão encarregada de proceder ao arrolamento dos monumentos e objectos d'arte d'aquella cidade e de propor os meios para a sua conservação. Disse que tão patriótica resolução se harmonisava com o que fôra adoptado pelos ultimos congressos de architectos e archeologos em Malines e em Bruxellas e pelo governo francez que está tratando de crear commissões analogas em diversos pontos da França.

Foi approvada unanimemente a referida proposta.

O mesmo sr. Bermudes leu e mandou para a Mesa o parecer da commissão preparatoria do Congresso nacional de architectura e archeologia, e em nome d'esta commissão pediu que fosse nomeada uma commissão organisadora do Congresso a cargo da qual ficaria redigir e publicar o programma definitivo, dirigir-se áquellas entidades que lhe parecesse conveniente, fazer os convites, emfim, dar todos os passos necessarios para a realisação do Congresso, communicando á Assembléa o que n'este sentido fosse resolvendo.

A pedido do sr. Carvalheira deliberou-se que sobre o Parecer houvesse duas discussões, uma na generalidade, outra na especialidade.

Entrou em discussão na generalidade.

O sr. Visconde da Torre da Murta disse que lhe era muito sympathica a idéa de se promover o Congresso; parecia-lhe muito bom o programma que acabara de ouvir; porém, receiava que d'ahi viessem algumas difficuldades para a Associação; todavia, confiava tanto no saber e prudencia da commissão preparatoria, que propunha fosse ella propria a commissão organisadora, podendo aggregar a si os socios que julgasse precisos para a coadjuvarem.

O sr. dr. Sousa Viterbo observou que a Mesa não devia deixar de ser aggregada á commissão.

Foi approvado que houvesse uma commissão organisadora, conforme propozera o sr. Bermudes, e igualmente foram approvadas a proposta do sr. Visconde da Torre da Murta e a indicação do sr. dr. Sousa Viterbo.

O sr. Carvalheira entende conveniente não fixar desde já a data para a realisação do Congresso,

comquanto applauda com o mais sincero enthusiasmo a sua convocação, porque d'esse Congresso podem advir consequencias vantajosissimas para a Associação, para a Sciencia, para a classe a que pertence e para o paiz, mas receia que já não haja tempo de o realisar condignamente e de modo a obterem-se resultados de incontestavel utilidade.

O sr. Bermudes manifestou-se contrario a que desde já seja adiado o Congresso; em sua opinião tal adiamento só se deveria fazer quando se reconhecesse que não era possível realisar-o nas condições desejadas.

O sr. Carvalheira, accentuando o seu pensamento, deseja que ao Congresso continue a manter-se o character de manifestação centenaria, mas parece-lhe inconveniente que a commissão tome agora o compromisso de o levar a effeito n'uma data determinada.

Depois de mais algumas observações dos srs. Bermudes, dr. Sousa Viterbo e Lino de Carvalho, foi approvado por maioria que se não fizesse desde já a fixação da data para o Congresso, e por unanimidade, sob proposta do sr. Bermudes, que o Congresso se realise por occasião do Centenario da India na data que a commissão organisadora definitivamente fixar.

Foi approvado o parecer na sua generalidade.

Passando-se á especialidade, foram approvados sem discussão, cada um de per si, os differentes artigos do programma do Congresso, redigindo-se o art. 1.º em conformidade com a referida proposta do sr. Bermudes.

Approvou-se da mesma fórma o regulamento da commissão organisadora, declarando-se no art. 12.º que o programma definitivo será publicado quinze dias antes da data que fôr fixada para a realisação do Congresso.

O sr. Bermudes propoz que a commissão ficasse auctorizada:

1.º a mandar imprimir o Parecer e distribuil-o aos differentes membros que a compõem, a fim de lhe introduzirem as modificações que forem necessarias para a sua redacção definitiva e a effectuar as demais despesas que forem indispensaveis para os preparativos do Congresso;

2.º a officiar em nome da Associação a todas as entidades a quem julgue dever dirigir-se.

O sr. dr. Sousa Viterbo propõe, em additamento, que a commissão organisadora se entenda previamente com o sr. Thesoureiro da Associação, todas as vezes que tenha de empregar quaesquer despesas.

O sr. Lino de Carvalho espera que a commissão não deixará, antes de tudo, de pedir auctorisação ao Governo, para saber se elle não se oppõe á realisação do Congresso.

O sr. Bermudes responde que é essa a primeira cousa que a comissão julga que deve fazer.

Foi approvada a proposta do sr. Bermudes com os additamentos offerecidos pelos srs. dr. Sousa Viterbo e Lino de Carvalho.

O sr. Visconde da Torre da Murta leu e mandou para a Mesa um relatorio, primorosamente escripto, do movimento da Bibliotheca da nossa Associação, respectivo ao anno findo, e apresentou um exemplar do jornal *O Progresso*, de Guimarães, em homenagem ao illustre archeologo, já octogenario, sr. dr. Pereira Caldas.

O sr. Carvalheira dirigiu encomios e agradecimentos ao illustre conservador da nossa Bibliotheca pelos serviços valiosissimos que tem prestado a esta Associação.

A assembléa approvou unanimemente, por indicação do sr. Presidente, que na acta se consignasse um voto de louvor e grande reconhecimento ao sr. Visconde da Torre da Murta, e que o relatorio fosse impresso no *Boletim*.

O sr. Presidente levantou a sessão ás quatro e meia horas da tarde.

O segundo secretario servindo de primeiro,
Eduardo A. da Rocha Dias.

Sessão da Assembléa Geral em 27 de Março de 1898.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario.

Servindo de secretario, José Joaquim d'Ascensão Valdez, vice-secretario.

Assistiram os ex.^{mos} srs.: Pimentel Maldonado, Valentim José Corrêa, dr. Sousa Viterbo, Ernesto da Silva, dr. Leite de Vasconcellos, Cavalleiro e Sousa, Silva Leal, Abel Botelho, Guilherme de Sousa e O'Sulivand.

Abertura da sessão á hora e meia da tarde.

Foi approvada a acta da sessão anterior.

Leu-se a correspondencia, que era a seguinte:

Officio do ex.^{mo} sr. Ministro das Obras Publicas, Conselheiro Augusto José da Cunha, e do Director dos Edificios Publicos, sr. João Verissimo Mendes Guerreiro, agradecendo a sua nomeação para socios benemeritos.

Officios dos socios srs. Visconde da Torre da Murta e Rocha Dias, desculpando-se de não poderem comparecer.

Officio do sr. João Maria Cerqueira Machado, governador civil de Portalegre, accusando a recepção da circular de 28 de novembro ultimo e participando que vão ser adoptadas providencias

e dadas instrucções aos administradores dos concelhos d'aquelle districto em harmonia com o que se diz na mesma circular.

Outro do Presidente da Camara Municipal de Setubal, sr. Antonio José Baptista, promptuicando-se a auxiliar do melhor grado o intento manifestado pela nossa Associação, na circular de 28 de novembro e lembrando a necessidade de se reparar a fachada da igreja de Jesus d'aquella cidade, pois que é um edificio notavel pela sua importancia historica e artistica, cuja construcção foi dirigida por Boutaca, o insigne architecto do mosteiro de Santa Maria de Belem.

Outro do Presidente da Commissão Municipal de Estremoz, sr. José Eduardo Cordeiro Vinagre, em resposta á circular de 28 de novembro, informando que os monumentos d'arte e tradição existentes n'aquella villa são apenas a capella da Rainha Santa Isabel, entregue a uma irmandade muito zelosa na conservação d'esta reliquia; a torre de homenagem, na posse do Ministerio da Guerra; os restos do Palacio de D. Diniz, onde está estabelecido o celleiro commum, a cargo da Camara Municipal, e a capella de S. José, no outeiro do mesmo nome, na posse d'aquelle Ministerio, porém muito abandonada. Aquella commissão declara associar-se com o maior empenho a todos os alvitres que lhe forem indicados para collocar os referidos monumentos ao abrigo de quaesquer vandalismos.

Outro da Direcção do Gremio Artistico, enviando por copia alguns trechos de um officio do socio correspondente do mesmo Gremio, sr. Julio Cesar Bizarro, professor e director da Escola Industrial, *Domingos Sequeira*, de Leiria, relativamente a uma construcção romana ha pouco descoberta no lugar denominado Arrabalde, a um-kilometro de Leiria. Diz o sr. Bizarro que n'um terreno recentemente comprado para plantação de vinha appareceram fragmentos de mosaicos levantados pelas enxadas dos trabalhadores, os quaes destruíram tudo que se lhes oppunha até 1^m,20 approximadamente do nivel do solo. Tijolos, telhas e lages de marmore, que bem se percebe estarem ainda inteiros, foram arrancados em estilhaços; as moedas encontradas desapareceram. Felizmente foi já respeitado um interessante mosaico, que tem uma superficie de 8 a 10 metros e que parece pertencer a uma construcção romana já do periodo christão. D'este mosaico tirou desenho o professor Korrodi, que informou o sr. dr. Leite de Vasconcellos do descobrimento de taes ruinas.

Uma circular de Mrs. Van Caster e Louis Stroobant, presidente e secretario geral do Congresso archeologico e historico de Malines, pedindo que lhes seja remettido, antes do fim do corrente mez de março, o relatorio dos trabalhos da nossa

Associação, a fim de ser inserto no 2.º volume dos Annaes do mesmo Congresso.

Carta do sr. Conde de Marsy enviando ao nosso ex.^{ma} Presidente o diploma de socio da Sociedade Franceza de Archeologia para a conservação dos monumentos historicos, fundada em Caen, em 1834.

Officio do sr. Antonio Teixeira Lopes, de Villa Nova de Gaya, agradecendo o voto de louvor que lhe foi votado por esta Associação, promettendo fazer tudo o que estiver ao seu alcance para obstar a que continuem as barbaras mutilações em objectos artisticos que ha alguns annos se teem praticado no nosso paiz.

Outro do socio effectivo, o Digno Par, Francisco Simões Margiochi, participando o fallecimento de seu Tio sr. Joaquim Simões Margiochi, tambem socio effectivo.

A Associação fez-se representar no funeral pelos socios srs. Conde de S. Januario e Valentim José Corrêa.

Foi proposto e approvado um voto de sentimento.

Officio do sr. José Teixeira Lopes, de Villa Nova de Gaya, agradecendo a sua nomeação para socio correspondente.

Outro do sr. José Joaquim de Faria e Silva, mestre-escola da Sé de Evora, applaudindo o pensamento da circular de 28 de novembro e fazendo diversas considerações n'este sentido.

Outro do socio correspondente, dr. Luiz de Figueiredo da Guerra, de Vianna do Castello, em resposta á circular, remettendo tres memorias sobre a matriz da Villa de Caminha, egreja de Bravães na Ponte da Barca, egreja de S. Claudio, no concelho de Vianna e communicando que trata de organizar monographias sobre a architectura militar e civil medieval, especialmente sobre torres e solares, as quaes memorias tenciona offerecer a esta Associação.

O sr. dr. Sousa Viterbo, ácerca do officio do sr. Figueiredo da Guerra, e sobre a memoria historica do mosteiro de S. Claudio, notava que se referia a uma cruz de cobre bysantina cedida para ser depositada no nosso Museu, mas que já tinha verificado que ella não existia.

Officio do sr. Manuel Maria Portella, distincto escriptor de Setubal, applaudindo os esforços que esta Associação está fazendo para se obstar á destruição dos edificios monumentaes.

Officio do cartorario da ex.^{ma} Mitra do Porto, sr. Diniz de Carvalho Motta, em resposta ao de 12 de fevereiro, declarando relativamente á casa de estylo manuelino demolida n'aquella cidade, que nada encontrou no archivo que possa dar luz sobre essa antiga construcção, e que o signal que a

ex.^{ma} Mitra designou para a rua onde estava a referida casa era a roda de Santa Catharina, da qual não conhece exemplar algum. Quanto á imagem de S. Miguel affirma que não era signal distinctivo de laudemio, fôro ou emphyteuse.

Outro do sr. Francisco Hygino Craveiro Lopes, secretario geral do Ministerio da Guerra, offerecendo a esta Associação treze quadros de azulejos existentes no convento de Chellas, hoje pertencente áquelle Ministerio.

Foi resolvido agradecer a generosa offerta.

O sr. Silva Leal propoz que a Associação se fizesse representar na Exposição da Imprensa com o seu *Boletim*. Foi approvado, comtanto que a sua permanencia na Exposição não coincida tambem com a epocha da reunião do Congresso de Architectura e Archeologia que se deverá realizar n'esta Associação, o que foi participado á Associação da Imprensa.

O sr. Abel Botelho, que assistia pela primeira vez ás sessões da Associação, referiu se elogiosamente á actividade que ella está manifestando, promettendo o seu dedicado contingente de trabalho, pelo que o sr. Presidente se congratulou.

O mesmo senhor fez uma proposta para que se evitasse a raspagem projectada de alguns monumentos, taes como o de D. José, observando o sr. Presidente que igual proposta havia sido feita anteriormente pelo sr. Bermudes.

O sr. dr. Leite de Vasconcellos fez a descripção das suas ultimas e interessantes excursões archeologicas:

Em Porto de Moz, no castello, verificára a existencia d'uma inscripção romana do seculo II ou III, importante, porque allude a uma cohorte lusitana.

Em Arrayollos visitára umas antas, d'onde trouxera, além de varios objectos, placas de schisto ornamentadas.

Em Sacavem examinou o cemiterio, de que era difficil determinar a epocha, mas, pelos objectos encontrados, lhe parecia ser dos tempos wisi-gothicos.

No Cacem, casal de Collaride, por communicação do sr. Presidente da Camara de Cintra e do proprietario do terreno, o sr. Thomaz Costa, procedeu aos trabalhos para poder ser examinada uma gruta, e proximo d'ella se verificou a existencia de sepulturas romanas, encontrando-se ossadas e um anel de cobre com inscripção e fragmentos de argamassa denominada *opus signinum*.

Todos os objectos encontrados lhe foram offerecidos para o Museu Ethnologico.

O sr. dr. Leite de Vasconcellos pediu para que fosse exarado na acta um voto de louvor a estes srs. e tambem participava á Assembléa que tinha officiado á direcção da Companhia Real dos Caminhos

de Ferro Portuguezes, visto estar proximo a epocha dos festejos do Centenario, em que Lisboa deveria ser visitada por sabios estrangeiros, para que ordenasse fosse limpa e bem conservada a gruta de Campolide da epocha neolithica, a qual se acta proximo do tunnel.

Foram apresentadas duas propostas, para admissao de novos socios, os Ex.^{mos} Srs. Accacio da Silva Pereira Guimarães, José Joaquim Pereira dos Santos Motta, Manuel José Pereira, Ernesto Korrodi, Julio Cesar Bizarro, Conde Goblet d'Alviella e Barão Alfredo de Loe, que foram approvadas.

Leu-se uma extensa lista dos livros, revistas e jornaes offerecidos á Associação.

Passando-se á ordem do dia, foi dada a palavra ao sr. Thesoureiro, Ernesto da Silva, que apresentou um relatorio minucioso sobre as contas e estado financeiro da Associação, relativo ao anno findo.

O sr. Presidente nomeou a Commissão encarregada de verificar as ditas contas, sendo os srs. Visconde da Torre da Murta, Pimentel Maldonado e Ascensão Valdez.

A sessão encerrou-se eram 4 e meia horas da tarde.

O Vice-Secretario

José Joaquim d'Ascensão Valdez

Sessão d'Assembléa Geral em 17 d'Abril de 1898.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Valentim José Corrêa, vice-presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^{mo} Sr. Ascensão Valdez.

Abertura da sessão ás duas horas da tarde.

Compareceram além da mesa os Ex.^{mos} Srs. Francisco Simões Margiochi, dr. Sousa Viterbo, Visconde da Torre da Murta, Cavalleiro e Sousa, Adães Bermudes, Silva Leal, Jesuino Ganhado, Soares O'Sulivand, Liberato Telles e Abel Botelho.

Procedeu-se á leitura da acta da ultima sessão (27 de março).

O sr. Margiochi agradeceu as manifestações de pezar votadas pelo fallecimento de seu tio, o illustre socio effectivo Joaquim Simões Margiochi, que sempre se interessou pela prosperidade d'esta Associação.

Foi approvada a acta depois de breves observações do sr. Silva Leal, que se deu por satisfeito com a resposta do sr. Presidente.

O sr. Visconde da Torre da Murta-mandou para a mesa uma carta do sr. Ernesto Loureiro referin-

do-se largamente ao convento de Christo, e a copia do desenho da charola do convento de Christo, em Thomar, antes da reconstrucção a que se procedeu no tempo de el-rei D. Manuel.

Deliberou-se mandar esta communicação á Commissão especial, publicar no *Boletim* o referido desenho e os trechos principaes, assim como agradecer ao seu auctor o interesse que toma pela conservação d'aquelle importante monumento.

Adherindo ao pensamento da circular de 28 de novembro ultimo receberam-se mais os seguintes officios:

Do sr. Presidente da Camara Municipal de Oleiros, Antonio Augusto de Mendonça David;

Do sr. Bartholomeu Sezinando Ribeiro Arthur, promettendo fazer tudo quanto em si caiba para o engrandecimento e progresso da arte nacional e offerecendo á Associação os dois volumes da sua obra, recentemente publicada — *Arte e Artistas Contemporaneos*;

Po sr. Antonio Thomaz Pires, d'Elvas, promettendo enviar a esta Associação, logo que o seu estado de saude lh'o permita, algumas notas acerca dos monumentos d'aquelle cidade e concelho, e do estado e circumstancias especiaes em que os mesmos monumentos se encontram.

Foram enviados á Commissão especial que ha de redigir a representação ao governo.

A Commissão Central Executiva do Centenario do descobrimento da India convidou esta Associação a nomear dois delegados para formarem parte do jury que ha de examinar o projecto de um systema de habitações economicas no concurso aberto por aquella Commissão.

A escolha recabiu unanimemente nos illustres socios os srs. Valentim Corrêa e Rosendo Carvalheira.

Da mesma Commissão se recebeu um questionario sobre a fórma por que a Associação tenciona tomar parte nas festas commemorativas do descobrimento da India.

A este questionario foi aprovado responder-se que a Associação se fará representar no cortejo civico pelos seus delegados junto da Commissão do Centenario e por aquelles socios que se lhes quizerem aggregar, tencionando inaugurar o Museu por occasião das referidas festas, se estiverem já concluidas as respectivas obras.

Foram approvados socios effectivos os srs. General Augusto Bom de Sousa e Antonio Cesar de Gouveia Leite Farinha e Mena Junior, conductor de obras publicas e minas e illustrado auctor da «Memoria justificativa e descriptiva das obras executadas na egreja de S. Roque de Lisboa desde 12 de outubro de 1893 até 13 de junho de 1894.»

De Monsenhor Pereira Botto, socio honorario,

recebeu-se um officio communicando que no sarau litterario musical realisado no seminario de Faro, não esqueceu a ardencia da propaganda archeologica, em que se tem esforcado por approximar-se do soberano ideal da conservação e reparação dos monumentos nacionaes.

De Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, socio effectivo, recebeu-se tambem um officio relativo ao busto de prata de Santa Engracia e remettendo um exemplar do jornal *Vanguarda* de 29 de março ultimo, onde se trata do referido busto.

Foram para o archivo.

Mencionaram-se varias offertas de livros e jornaes, que o sr. Visconde da Torre da Murta já agradecera na sua qualidade de bibliothecario.

Leu-se um officio do sr. Antonio Maria d'Avelar, em nome do sr. engenheiro director geral das obras da Camara Municipal de Lisboa, pedindo que em virtude de ordem do ministerio do reino transmittida pelo Governador Civil de Lisboa, da qual vinha junta uma copia, lhe fossem entregues as quatro estatuas representando quatro partes do mundo; estatuas que existem no Museu d'esta Associação e que pertencem ao monumento a D. Maria I, que n'elle se está tratando de collocar convenientemente.

O sr. Presidente historiou o que se tem passado com a questão das estatuas e consta do nosso *Boletim* n.º 8, t. 7.º

O sr. Margiochi conhece o monumento, cuja integral conservação está prompto a advogar na Camara dos Dignos Pares a que tem a honra de pertencer.

Quando desde 1872 a 1875 foi vereador da Camara Municipal de Lisboa, lembrou-se de propôr que elle fosse erigido dentro do passeio publico da Estrella, e com esta idéa concordaram os seus collegas na vereação, chegando a estar combinado que n'aquelle recinto se preparasse uma rotunda para esse fim. Tem visto nos jardins publicos das principaes cidades da Europa numerosos monumentos a personagens importantes. Protesta vigorosamente contra a entrega das estatuas. Separar as diversas peças componentes do monumento a D. Maria seria um condemnavel acto de lesa-arte.

O sr. Bermudes diz que é dever d'esta Associação procurar impedir que se pratique o vandalismo de dispersar os elementos de um monumento publico. Os monumentos de um paiz são legados das gerações que passaram e temos obrigação de conserval-os religiosamente. É tão absurdo separar as estatuas das outras peças do monumento, como seria absurdo ir tirar dos monumentos a D. José, a D. Pedro IV e a Luiz de Camões as figuras que lá estão, indo collocal-as em varios pontos da cidade

Além d'isso o monumento de que se trata tem uma certa razão de ser. Se D. Maria I não é um vulto culminante da nossa historia, em todo o caso praticou muitos actos uteis ao paiz e em Lisboa ha instituições de grande valor que lhe são devidas. Conclue por apresentar a seguinte proposta:

«Proponho que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes nomeie uma Comissão que vá expôr aos srs. Ministros do Reino e das Obras Publicas a inconveniencia de dispersar os elementos do monumento a D. Maria I, depositados no Museu do Carmo, e que deveria por todos os motivos ser erigido em qualquer ponto da cidade especialmente em frente de qualquer das instituições fundadas por aquella soberana, taes como: a Estrella, Bibliotheca Nacional, a Academia das sciencias ou a Casa Pia. Lisboa, 17 d'Abril de 1898. (a) *Adães Bermudes.*»

O sr. dr. Sousa Viterbo é de opinião que não se responda ao officio por parte da Camara Municipal sem que primeiramente se tenha fallado com o sr. Ministro das Obras Publicas, referindo-lhe o que ha sobre a questão das estatuas. Deixar de seguir este procedimento seria uma indelicadeza para com aquelle sr. ministro. A Associação não quer certamente usar de menos consideração para com sua ex.ª nem para com o sr. ministro do reino; apenas quer velar pela conservação de um monumento nacional que vê em perigo de ser destruido.

«Proponho que as estatuas não sejam entregues sem que se receba auctorisação definitiva do sr. ministro das obras publicas, pois proceder d'outro modo, além do mais, seria um acto de indelicadeza da nossa parte para com aquelle sr. ministro.— Lisboa e Sala da Associação, 17 d'Abril de 1898. (a) *Sousa Viterbo.*»

O sr. Abel Botelho tambem calorosamente se associa ás duas propostas apresentadas.

Se a Camara Municipal tem alto empenho em ornamentar a Avenida da Liberdade, recorra a esculptores nacionaes contemporaneos, que os ha muito distinctos e encomende-lhes os bustos de portuguezes notaveis nos tempos modernos.

O sr. Cavalleiro e Sousa presta o mais decidido apoio a ambas as propostas, recordando que tivera já occasião de sustentar n'uma das passadas sessões a sua opinião sobre o assumpto que se discute, quando vira em um jornal a noticia de que se pretendia remover do Carmo as estatuas a que a Camara Municipal deseja dar um destino tão inconveniente sob o ponto de vista historico-artistico.

Foram unanimemente approvadas as propostas dos srs. Bermudes e Sousa Viterbo e nomeados para a Comissão encarregada de fallar aos srs. Minis-

tros do Reino e das Obras Publicas os srs. Conde de S. Januario, Presidente, Pimentel Maldonado, Vice-Presidente, Gabriel Pereira, Secretario, Francisco Simões Margiochi e Abel Botelho.

Leu-se um officio do sr. Craveiro Lopes, digno director geral da Secretaria da Guerra, comunicando estarem á disposição d'esta Associação os 13 quadros de azulejos existentes nos annexos do extincto convento de Chellas, tornando-se porém necessario que a Associação tome as providencias convenientes para a extracção e remoção dos indicados azulejos.

Votaram-se agradecimentos ao sr. Mendes Guerreiro, illustre director dos Edificios Publicos, pelas ordens que deu para serem collocados estes azulejos no Museu do Carmo.

O sr. Visconde da Torre da Murta disse que um empregado da photographia Biel, do Porto, viera pedir licença para tirar copias photographicas do nosso Museu e dos objectos expostos, promettendo offerecer á nossa Associação alguns exemplares.

Resolveu-se conceder esta licença logo que estejam terminadas as reparações no edificio do Museu.

O sr. Margiochi pediu á Mesa que procurasse obter da familia do fallecido general Costa Cascaes o original do elogio historico do chronista-mór do Reino, guarda-mór da Torre do Tombo e general mestre de campo Manuel da Maia, a quem se devem importantes serviços, e entre elles o da construção dos Arcos das Aguas Livres, o plano de restauração da cidade de Lisboa, e a construção do hospital das Caldas da Rainha. O mencionado elogio foi lido n'esta Associação, mas, segundo viu no *Summario de varia historia*, por José Ribeiro Guimarães, não chegou a ser publicado. Desejava que tanto esse documento como quaesquer outros que estejam ineditos, ou mesmo impressos, fossem reunidos e constituissem assumpto de uma monographia dedicada á memoria de Manuel da Maia.

O sr. Presidente deu algumas explicações a este respeito.

Foi approvedo o pedido, prestando-se o sr. Silva Leal, vice-secretario, a empregar as diligencias precisas para se alcançar o original do elogio citado.

Não havendo mais de que tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão, eram mais de 4 horas da tarde.

O segundo secretario servindo de primeiro
Eduardo Augusto da Rocha Dias

Sessão da Assembléa Geral em 5 de Junho de 1898.

A' 1 hora e 15 minutos abriu a sessão, presidindo o Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario.

Secretario, Rocha Dias.

Estiveram presentes á sessão os socios effectivos srs. Valentim José Corrêa, Simões Margiochi, Mena Junior, O'Sulivand, Jesuino Ganhado, Silva Leal, Costa Goodolphim, Alvaro Machado e Guilherme João Carlos Henriques, socio correspondente.

Approvada a acta de 17 d'Abril.

Leu se a correspondencia, que era o seguinte :

Convite da Commissão Promotora da Exposição d'Imprensa para que esta Associação se fizesse representar na sessão solemne inaugural.

Officio do sr. Conde de Marsy, de Compiègne, annunciando que a *Société Française d'Archéologie* celebrará nos primeiros dias do proximo mez de Julho, em Bourges, um Congresso archeologico.

Outro da mesma procedencia enviando o programma d'este Congresso que se realisa em 6 de Julho.

Outro do sr. Engenheiro Director dos Edificios publicos participando que deu as convenientes ordens ao chefe da 11.^a secção d'aquella direcção para fazer entrega ao nosso Museu de todas as antiguidades que digam respeito á architectura e que forem encontradas nas excavações a que se está procedendo na Sé de Lisboa.

Outro do chefe de 1.^a secção de construcção da Direcção dos Edificios Publicos, sr. Valentim José Corrêa, enviando a este Museu, por deposito, um *parquet* que estava n'um vão da porta da casa do presepio do edificio do extincto convento da Estrella.

Outro do sr. governador civil do districto do Porto, em resposta á circular de 28 de novembro, remetendo-nos os esclarecimentos fornecidos a sua ex.^a pelos administradores dos 4 bairros d'aquella cidade e dos concelhos de Amarante, Bouças, Felgueiras, Gaya, Maia, Marco de Canavezes, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel, Povoá de Varzim, Santo Thyrso e Villa do Conde.

Outro do sr. Visconde da Torre da Murta, desculpando-se de não poder assistir á sessão, remetendo varios livros e apresentando uma proposta para admissão d'um socio correspondente.

Outro do socio correspondente sr. José Pinto da Silva Ventura remetendo uma photographia do Castello da Feira.

Outro do sr. presidente da municipalidade de Gaya, A. N. d'Azevedo Magalhães, em resposta á circular de 28 de novembro, indicando os monumentos dignos de serem conservados.

Outro do sr. presidente da camara municipal de

Thomar, João Torres Pinheiro, no mesmo sentido do anterior.

Offícios dos srs. general Augusto Bom de Sousa, barão Alfredo de Loe e conde Goblet d'Alviella, agradecendo a sua nomeação para socio effectivo o primeiro e correspondentes os ultimos.

Officio do sr. conselheiro Francisco da Fonseca Benevides, adherindo ao pensamento da circular e enviando um exemplar de cada uma das suas importantes obras *Rainhas de Portugal* e o *Real Theatro de S. Carlos de Lisboa*.

Foram recebidos muitos jornaes, revistas e livros, entre os quaes se destacam os seguintes :

Hygiene da Habitação, por J. Lino de Carvalho, Lisboa, 1898.

In Memoriam, folheto illustrado, por Oliveira Passos. — Porto, 1898.

Annales de la Fédération Archéologique et Historique de Belgique.

O secretario declarou que o officio do sr. Ernesto Loureiro, de Thomar, e o desenho que lhe vinha annexo, apresentados na sessão anterior pelo sr. Visconde da Torre da Murta, tinham sido entregues, por emprestimo, ao illustre socio effectivo sr. Adães Bermudes.

O sr. Valentim Corrêa propoz, e foi approved, que se consignasse na acta esta declaração.

O sr. Margiochi deu explicações sobre o modo por que se desempenhou do compromisso que tomára perante a assembléa emquanto á questão das quatro estatuas do monumento de D. Maria I.

Os socios, que estavam presentes, receberam alguns exemplares do discurso por sua ex.^a proferido na sessão da Camara dos Dignos Parés em 30 d'Abril ultimo.

O sr. Silva Leal disse que tendo o *Boletim* d'esta Associação sido premiado com *diploma de honra* na exposição da Associação da imprensa portugueza, era sua opinião que se consignasse na acta um voto de agradecimento a todos os directores e collaboradores do mesmo *Boletim* desde que se começou a publicar.

O mesmo digno socio participou que por intermedio de um seu particular amigo, alcançara o original do *Elogio Historico de Manuel da Maia*, a que se referira na sessão antecedente o sr. Margiochi e mandou para a Mesa uma copia fiel d'esse *Elogio*, requerendo que fosse publicado no *Boletim*.

O sr. Margiochi agradeceu ao sr. Silva Leal a sua diligencia e promptidão em satisfazer ao pedido que formulára e declarou que possuia alguns documentos interessantissimos que podiam tambem ser impressos em appendice ao *Elogio*.

A assembléa approvou a proposta e o requerimento do sr. Silva Leal com o additamento proposto pelo sr. Margiochi.

O sr. Presidente disse que, em nome da Associação, convidava o sr. Valentim Corrêa a ir visitar o sr. primeiro secretario Gabriel Pereira, felicitando-o pelas suas melhoras, e ao mesmo tempo combinar com sua ex.^a, a cujo cargo e superior direcção tem estado nos ultimos annos o nosso *Boletim*, qual a melhor fórma de proseguir essa publicação ha seis mezes interrompida por varias causas.

Teve unanime approvação esta proposta, annuindo o sr. Valentim Corrêa a acceitar a commissão de que foi encarregado.

Leu-se na Mesa um officio do Ministerio do Reino, dispensando esta Associação de pagar á Imprensa Nacional de Lisboa a importancia de que lhe era devedora.

Registaram-se agradecimentos ao Ex.^m Sr. Presidente pela parte activa que tomou para se obter este despacho.

Leu-se na Mesa um officio do Ministerio das Obras Publicas, de 22 de abril, mandando entregar á camara municipal de Lisboa quatro estatuas que representam quatro partes do mundo, as quaes estavam n'este Museu e pertencem ao monumento a D. Maria I, devendo a camara restituil-as, logo que se trate de erigir definitivamente esse monumento.

O sr. Presidente expoz os motivos por que se dirigiu pessoalmente ao governo para fallar n'este negocio e não convocou para esse fim a commissão nomeada pela assembléa geral; disse que os srs. ministros do Reino e das Obras Publicas concordaram em que seria um vandalismo separar as peças componentes do monumento a D. Maria I, mas que, emquanto não podesse erigir-se, nenhum inconveniente havia em se concederem provisoriamente as 4 estatuas para embellezamento da Avenida, por occasião das festas do Centenario; e accrescentou que suas ex.^{as} abraçaram plenamente a idéa, que lhes apresentára, de se promover sem demora a erecção do monumento. N'esta conformidade propunha que se nomeasse uma commissão para tratar da escolha do local, elaborar o orçamento da obra, a qual, por informações que tem já, não excederá a 5 contos de réis, e mandar fazer a *maquette*, em vista da copia photographica do primitivo projecto, que lhe parecia não poder alterar-se, excepto na altura do pedestal, que deveria talvez ser maior.

Sua ex.^a narrou a largos traços o que se tem passado com este monumento desde que veio de Roma até ser depositado no nosso Museu.

Foram nomeados para a Commissão proposta pelo sr. Presidente os srs. Francisco Simões Margiochi (presidente), Valentim José Corrêa, Rosendo Garcia d'Araujo Carvalheira, Aleixo de Queiroz Ribeiro e Adães Bermudes (secretario).

Approvaram-se tres propostas de admissão de socios: sendo eleito socio effectivo o sr. Conde de Valenças, e socios correspondentes os srs. Aleixo de Queiroz Ribeiro, distincto escultor, e Philoteio Pereira d'Andrade advogado de provisão e escriptor publico em Salsete (India Portugueza).

O sr. Margiochi leu uma correspondencia dirigida ao jornal *O Conimbricense* de 31 de Maio proximo findo, em que se referem actos de vandalismo praticados em monumentos do paiz, especialmente na estatua equestre do Terreiro do Paço, e notou que era muito lamentavel a falta de illuminação no centro d'aquella praça. Alludiu tambem aos grandes quadros de azulejos do convento de Odivellas.

Os srs. Valentim Corrêa e O'Sulivand deram explicações sobre a sahida e volta d'estes azulejos áquelle convento, onde foram repostos no seu lugar.

O secretario apresentou uma interessante noticia e o desenho do pelourinho de Arcos-de-Vez, offerecidos pelo seu illustrado auctor o socio correspondente sr. dr. Felix Alves Pereira.

A assemblêa, reconhecida ao offerecimento, resolveu que tanto o artigo como o desenho fossem impressos no *Boletim*.

Approvou-se unanimemente a seguinte proposta:

«Senhores. — Na casa que serviu á Secretaria da Camara dos Deputados, antes do incendio da sala das suas sessões, existem amontoadas muitas cadeiras que vieram da Academia das Sciencias, quando alli deixou de funcionar a mesma camara. Uma parte d'essas cadeiras era da antiga platêa superior do theatro de S. Carlos e de grande vantagem seria que esta Associação podesse adquirilas para a Sala da Assemblêa Geral.

«Junto á mesma Secretaria estão collocadas seis grandes lanternas, em mau estado de conservação, que illuminavam os corredores do mosteiro de S. Bento: tambem podiam vir em deposito para o nosso Museu.

«Nem as cadeiras nem as lanternas são aproveitadas para serviço algum d'aquella Camara e não é de crêr que venham a ter alli qualquer applicação depois de concluida a nova sala.

«Parecia-me, portanto, que conviria pedir-se á Presidencia ou á Commissão Administrativa da Camara dos Senhores Deputados que nos cedesse os objectos indicados, embora fosse a titulo de deposito; e n'este sentido tenho a honra de propôr á illustre Assemblêa se digne tomar alguma resolução.

«Sala das Sessões da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, 5 de Junho de 1898.

«O socio — *Eduardo A. da Rocha Dias.*»

O sr. Cavalleiro e Sousa mandou para a mesa um curioso livro de que é auctor, intitulado *De Portugal a Calicut*, e uma memoria ácerca da

Torre de Belem, outra manifestação da sua infatigavel actividade.

O sr. Presidente pediu ao sr. Cavalleiro que na sessão seguinte fizesse leitura d'esta memoria e agradeceu por parte da Associação os valiosos offerecimentos de tão digno socio.

O sr. Mena Junior agradeceu a sua eleição para socio effectivo.

O sr. Valentim Corrêa referiu-se com elogio aos bons serviços prestados já por este novo socio e pelos srs. Leite de Vasconcellos, Soares O'Sulivand e Jesuino Ganhado na organização do nosso Museu.

O sr. Presidente lembrou a conveniencia de se collocarem etiquetas explicativas nos objectos expostos mais volumosos, isto independentemente da sua descripção no catalogo geral do Museu.

O sr. O'Sulivand, na qualidade de 2.º conservador, disse que tencionava fazer um catalogo manuscrito em verbetes para cada uma das 5 salas do Museu e pediu auctorisação, que lhe foi concedida, para proceder á venda de material inutilizado que se encontrava no antigo deposito de materiaes de construcção.

O sr. Silva Leal mostrou desejo de que o Conselho Facultativo se reunisse com a regularidade que os Estatutos preceituam.

Os srs. Presidente e Valentim José Corrêa explicaram o motivo por que nem sempre é possivel manter essa regularidade.

O sr. Mena Junior disse que n'um dos corredores do recolhimento de S. Pedro d'Alcantara havia uma estatua de pedra representando S. Roque, a qual pertencera á cerca de Lisboa, e estivera no chamado Postigo do Condestavel ou de S. Roque, no sitio onde agora começa a rua da Trindade; parecia-lhe conveniente que se requisitasse aquella imagem para o nosso Museu.

Ficou incumbido o sr. Mena Junior de se dirigir para este fim ao sr. conselheiro Pereira de Miranda, dignissimo provedor da Santa Casa da Misericordia de Lisboa.

O sr. Guilherme João Carlos Henriques, sendo esta a primeira vez que assistia a uma das nossas sessões, aproveitou a occasião para agradecer a sua nomeação de socio correspondente e ao mesmo tempo fazer duas communicações interessantes; a primeira era que as obras no edificio da igreja da Varzea, na villa de Alemquer, onde jazem os restos de Damião de Goes, estarão brevemente concluidas; e a segunda, que por intervenção de S. M. a Rainha a Senhora D. Amelia, se tratava de mandar restaurar o convento de S. Francisco da mesma villa, fundado pela mãe de el-rei D. Diniz e que ainda conserva alguns vestigios da primitiva construcção.

A assemblêa acolheu com expressões de sym-

pathia e agradecimento as communicações feitas pelo sr. Guilherme João Carlos Henriques.

Não havendo mais assumpto de que a assembléa podesse occupar-se, o sr. Presidente encerrou a sessão.

Eram 3 horas da tarde.

O segundo secretario servindo de primeiro
Eduardo Augusto da Rocha Dias

Sessão d'Assembléa Geral em 1 de Julho de 1898.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario.
Secretario, Rocha Dias.

Compareceram, alem da mesa, os Ex.^{mos} Srs. Valentim José Corrêa, Simões Margiochi, Visconde da Torre da Murta, Liberato Telles, Jesuino Ganhado, Soares O'Sulivand, Adães Bermudes, Silva Leal, General Bom de Sousa, Cavalleiro e Sousa, Mena Junior e Aleixo de Queiroz Ribeiro, socio correspondente.

Abertura, da sessão ás 4 horas e 15 minutos da tarde.

Foi approvada a acta da sessão anterior.

Leu-se a correspondencia, constante do seguinte:

Um officio do sr. General Craveiro Lopes, offerecendo ao museu, por parte do Ex.^{mo} Sr. Ministro da Guerra, varios objectos existentes nas dependencias do convento de Chellas.

O sr. Valentim José Corrêa encarregou se de mandar receber os indicados objectos.

Uma circular da Direcção do Albergue dos Invalidos do Trabalho, convidando-nos a assistir á sessão solemne do 34.^o anniversario da sua fundação.

O sr. Presidente disse que por este meio ficavam convidados todos os socios que quizessem comparecer n'esse acto.

Prospecto de uma obra do socio correspondente sr. Ernesto Korrodi, sobre a Reconstrucção do Castello de Leiria.

Mandou-se abrir assignatura para um exemplar d'esta publicação, a que o sr. Bermudes se referiu com expressões de louvor.

Officio do socio honorario sr. Antonio dos Santos Rocha, participando ter sido fundada na Figueira uma associação denominada *Sociedade de Archeologia da Figueira da Foz*, e remetendo um exemplar dos respectivos estatutos.

Mandou-se responder com uma mensagem de congratulação:

Officio do socio honorario sr. dr. Sousa Viterbo communicando o parecer da secção de archeologia

acerca do officio do rev.^o P.^o Manuel dos Santos Torquato, presidente da Junta de Parochia de Lorvão.

Sobre este assumpto usaram da palavra os srs. Bermudes, Presidente e Jesuino Ganhado, resolvendo-se por fim que ao mencionado presidente da Junta de Parochia de Lorvão se officiasse no seguinte sentido:

«Que esta Associação, comquanto entenda que o extincto convento de Lorvão é um monumento nacional, e que seria um vandalismo arrancar-lhe qualquer fragmento, não tem a auctoridade necessaria para intervir e deliberar sobre pontos litigiosos em questões de ordem administrativa ou juridica.»

A requerimento do sr. Ganhado foi o officio da Junta de Parochia de Lorvão mandado á commissão especial que está incumbida de representar ao Governo sobre a conservação de monumentos nacionaes.

Foram approvadas duas propostas: uma para transitar da classe de socios correspondentes á de socios effectivos, o sr. Guilherme João Carlos Henriques, de Alemquer; e outra para ser admittido como socio correspondente o sr. Gaspar da Costa Pereira de Vilhena Coutinho, bacharel formado em direito, advogado e vice-consul do Brazil em Braga.

Do socio correspondente sr. Conde de Lair, foi lida uma carta em que se prestava a representar esta Associação no proximo congresso archeologico em Bourges (Cher).

Foi gostosamente acceito este offerecimento.

O sr. Margiochi disse que na Flor da Rosa, perto do Crato, havia uma capella em ruinas, que tinha baixos relevos muito preciosos, em que se estavam fazendo sentir a acção destruidora do tempo e a audacia dos que se apoderam do que não lhes pertence. Prometteu enviar para a mesa informações minuciosas sobre estes factos, para que desde já pedia a attenção da Assembléa.

O sr. Valentim José Corrêa, vice-presidente, participando que em desempenho da missão que lhe fôra incumbida, procurára o illustre primeiro secretario, sr. Gabriel Pereira, para o felicitar pelo restabelecimento da sua saude e pedir-lhe os seus bons officios na direcção do *Boletim*, disse que s. ex.^o manifestára grande reconhecimento pelas provas de deferencia e sympathia da Assembléa e promettera activar a publicação de dois numeros do mesmo *Boletim*.

O sr. Visconde da Torre da Murta congratulou-se pelas agradaveis informações que acabava de dar o sr. Valentim Corrêa, sendo as suas palavras acompanhadas de repetidos apoiados.

O sr. Bermudes perguntou em qual das proximas sessões poderia fazer uma communicação sobre mo-

numentos do Alemtejo e Algarve, que recentemente tivera occasião de visitar.

O sr. Presidente respondeu que a Assembléa ouviria com muito prazer essa cõmmunicação logo no primeiro dia em que tornasse a reunir-se.

De accordo com o sr. Cavalleiro e Sousa, que declarou estar mal disposto de saude, foi adiada para outra sessão a leitura da sua memoria ácerca da torre de Belem.

O sr. General Bom de Sousa agradeceu novamente a sua eleição para socio effectivo e prometteu cooperar quanto podesse no andamento dos nossos trabalhos.

O sr. Presidente disse que a Assembléa contava com a illustração, intelligencia e zelosa actividade de tão prestimoso consocio.

Em seguida encerrou-se a sessão. Eram 3 e meia horas da tarde.

O segundo secretario servindo de primeiro,

Eduardo Augusto da Rocha Dias

MEMORIA HISTORICA

SOBRE O

Mosteiro de S. Claudio

A dez kilometros ao nascente de Vianna, n'uma pequena freguezia, annexa em 1833 á sua limitrophe de S. João de Nogueira, existe a velha egreja do Mosteiro de S. Claudio, que deu o nome á parochia, hoje reduzida a simples logar.

Pelos annos de 1201 sagrou o Bispo de Tuy, D. Pedro Mendes, como diz Sandoval (a), o templo no dia 9 de Janeiro: commemora o facto a inscripção na hõmbreira exterior da porta principal:

SVB. E. M. II. XXXVIII. ET. V.
NONAS. IANVARIL PETRUS.
MNS. EPES: CONSECRAVIT.
HANC ECCL. IN HONORE ST.
CLAUDI: IN

As outras linhas restantes não as podemos decifrar.

Havia sido edificada a egreja em 1145, como o

testifica a era da fundação gravada no cunhal da capella mór:

E. M. CLXXXIII.

Um dos mosteiros mais antigos do nosso concelho é este de S. Claudio: o pequeno cenobio benedictino data do seculo XII, e não ascende ao meiado do seculo VI, como refere a Benedictina Lusitana.

No começo da monarchia predominava em Portugal o estylo romão e bem o demonstra este grjõ, retirado nas fraldas da serra d'Arga, de architectura simples, como convinha á pobreza de seus monges; conservou atravez dos seculos o seu caracter primitivo; dentro ostenta um magnifico arco cruzado de ferradura, no estylo arabe, tendo perfeita a fresta detraz do altar, e conservando as legendas da fundação e da sagração.

Fr. Antonio de Sá, frade de Tibães, quando visitou este mosteiro em 1550, viu, segundo elle affirma (b), n'uma columna a era de 606, anno de 568, que suppoz ser da primitiva edificação do convento.

Nas inquirições de 1258 se falla d'este mosteiro de S. Croio, Clodio ou Claudio; no principio do seculo XVI, ermando o mosteiro de S. Pedro de Varaes, o annexaram a S. Claudio, cuja apresentação pertencia aos religiosos de S. Salvador da Torre

De varios documentos, nomeadamente das sentenças do Registro de Braga, e d'uma carta d'el-rei D. Diniz, que hoje possui o nosso amigo Coronel Silva Monteiro, consta que esse padroado sempre foi d'aquelle mosteiro; em 1457 sendo reduzido a egreja parochial, foi confirmado abbade de S. Claudio o clérigo Gomes da Rocha, por apresentação do abbade e frades de S. Salvador.

Querem Marçal Casado e Antonio Machado Villasbõas que ainda tivesse monges em 1532, mas este engano provém de lerem a abreviatura da palavra *freguezes* por *freires*, como se poderá verificar no nosso documento n.º $\frac{11}{37}$ da pasta primeira

dos pergaminhos; e mesmo adiante do nome de Alvaro Pires se declara que este era *caseiro* e freguez do mosteiro, e que Affonso do Campo tambem era *freguez* do dito mosteiro.

É falso pois, que S. Claudio tivesse ainda em 1517 monges, como quer a Benedictina, porque fr. Affonso Farinha, abbade de Gundar, fallecido n'esse dito anno, não podia ser religioso d'aquelle convento benedictino, pelo que vamos expor.

(a) Fglezia de Tuy. folha 139 v.

(b) Benedictina Lusitana vol I, pag. 414; Bibl. Lusit. resumida, de Farinha, vol. I, pag. 201.

Os ultimos abbades de S. Claudio foram :

— Pero Martins, que renunciou no anno de 1432 em Rui Pires, fallecido em 1457; e faltando-lhe então os monges, foi secularizado por sentença de 9 de agosto de 1458, em que os religiosos de S. Salvador da Torre apresentaram na sua egreja a Gomes da Rocha, clérigo de ordens sacras. Este se intitulou seu Commendatario, como os successores d'elle se arrogaram;

— Vasco Velho, de 1477 a 1492, e seu filho Gomes Velho, de 1517 a 1530; no anno seguinte, em 1531, elegeram a Fr. Pedro, monge professo de S. Salvador da Torre, que sómente teve a abbadia até 1532, porque o Cardeal Nicolau Rodolpho lh'a disputou em Roma, e obtendo de Clemente VII esta egreja de S. Claudio, a cedeu em 1538 ao seu familiar Fernão Velho, irmão do penultimo Commendatario Gomes Velho, que a gozou até 1575.

S. Salvador da Torre conservou esta apresentação até 1581; porém no anno seguinte foi unida ao collegio de S. Bento de Coimbra, administrando estas rendas um monge beneditino de Tibães, apesar dos religiosos dominicos de Vianna.

N'esta epocha vagando a egreja de S. Claudio foi confirmado abbade o Doutor Gregorio Rodrigues, nomeado pelo Papa por se ter dado a vaga no seu mez; o procurador da Corôa e dos Bentos impediu-lhe a posse, allegando que o Pontifice havia concedido á Corôa os mosteiros beneditinos que tinham sido devidamente avaliados. Mas o facto era que nem S. Claudio nem Cabanas e Miranda entraram n'essa avaliação. Descuidosa omissão!

Depois de longa contestação nas côrtes de Roma, Madrid e Lisboa, de 1582 a 1607, em que os beneditinos possuiram illegitimamente a egreja de S. Claudio, o Rei mandou n'aquelle ultimo anno ao Provedor da nossa Comarca, Pero Godinho da Camara, tomar posse de S. Claudio como do padroado real, e dois annos depois, em 1609, este mosteiro, com os de Cabanas e Miranda, foram dados aos padres Cartuchos de Lisboa, com os quaes os beneditinos celebraram contracto, obtendo consentimento do Rei, allegando arditosamente que era de sua apresentação, e occultando a verdade!

Os frades dominicos de Vianna ainda tentaram oppôr-se, apresentando memoriaes do seu direito para obterem Provisão para esta causa ser tratada summariamente na Meza da Consciencia, *pois que El-Rei não podia dar o que pertencia a outrem.*

Em 1641 estava annexo ao Collegio de S. Bento de Coimbra, mas em 1751 já eram as suas rendas administradas pelos religiosos de Tibães; estas em 1758 apenas importavam em 50 mil réis.

D. João Ferraz, bispo de Ceuta, por provisão de 26 de Outubro de 1477, annexou-lhe a parochial

de S. Martinho de Outeiro, sendo seu abbade Gil Affonso, depois conego de nossa Collegiada; tambem lhe estavam unidas as egrejas de S. Pedro de Serraleis, S. Pedro de Varaes e S. Salvador de Gundar.

O commendatario Fernão Velho só cuidou em repartir pelos seus parentes os rendosos bens de S. Claudio, formando-lhes varios prazos; e por ultimo no seu testamento de 15 de abril de 1575, legitimou os filhos, dotando-os com generosidade, existindo ainda em poder de seus descendentes aquellas terras emphyteuticas.

O mosteiro que ficava pelo meio dia do templo-sinho cahiu em ruinas; aproveitaram parte para residencia do Vigario, cuja parochia de 30 fogos que tinha em 1751 se achava reduzida em 1834 apenas a 14!

Uma bella cruz de cobre, bysantina, igual á que no Catalogo da Exposição de Arte Ornamental de Lisboa de 1882, representa a IV estampa, descripta sob o n.º 31, a paginas 131, foi cedida em 11 de junho de 1864 ao nosso venerando amigo Possidonio da Silva, para se depositar no Museu Archeologico do Carmo, onde deve existir, mas não a vemos incluída no Catalogo de 1892.

Mede o templo 20 metros sobre 8 de largura, e depois que a sua freguezia foi encorporada a Nogueira, ficou entregue á confraria de Nossa Senhora do Rosario, que sob o zelo e cuidado do nosso velho amigo, Antonio José Vieira, tem conservado o seu primitivo aspecto, merecendo ser classificado monumento nacional por pedido nosso e intervenção do distincto architecto acima citado. A planta, alçado e photographias foram enviados á Real Associação dos Architectos e Archeologos de Lisboa pelo saudoso e distincto engenheiro o sr. Ernesto Julio Gomes Pinto, então Director das Obras Publicas d'este Districto, que generosamente se prestou a este trabalho.

Podemos apontar esta egreja como modelo architectonico da idade media, e o unico do nosso concelho que chegou incolume até aos tempos actuaes.

O que salvou esta monumental capella foi a falta de meios e o seu local retirado.

Os campos circumjacentes ao mosteiro pertencem hoje ao sr. José Maria Baptista Camacho, a quem havemos pedido nos reserve a exploração para occasião opportuna.

A conservação do templo contrasta com as ruínas da residencia adjunta.

Reputamos a igreja de S. Claudio como o mais curioso e o melhor edificio medieval d'estes sitios. Vianna, 10 de junho de 1897.

L. de Figueiredo da Guerra.

MEMORIA HISTORICA

SOBRE A

Matriz de Caminha

I

Nos fins do seculo XV não tinham os habitantes da foz do rio Minho dentro de seus muros templo parochial, pelo que resolveram que a Camara lançasse finta pelo concelho; e para que não esmorecesse o intento, desde logo com algumas esmolas cuidaram em lhe dar começo; no Domingo de Paschoa, 4 de abril de 1488, vindo processionalmente se collocou a primeira pedra nos alicerces da capella mór sobre pedaços de prata e moedas de ouro, cantando a missa Frei Francisco de Carvalho, da Ordem de S. Domingos.

Foi o sitio escolhido o mais honroso, por ser proximo ao palacio dos Marquezes de Villa Real, senhores donatarios da Villa, mas o menos apropriado por ficar a frente contra a muralha, e para se lhe desembaraçar a entrada e formar adro foi necessario mais tarde, em abril de 1647, demolir o muro e formar um revelim sobre o rio; para mestre da obra escolheram Pedro Gallego, que depois veio construir a capella do mosteiro de Sant'Anna d'esta cidade; da Hespanha tambem foi chamado um outro mestre, Thomé Toloza (que alguns chamam João Toloza), biscainho, eximio na arte de pedraria.

Disposta a planta conforme o sitio e circumstancias de uma acanhada praça, mas delineada a traça com gosto e larguesa nos accidentes architectonicos, coube ás tres naves a largura total de 16^m,50 com o comprimento de 45^m,00; apezar do subsidio d'el-rei D. Manuel e das generosidades dos Marquezes, de Sebastião Mendes de Carvalho, pai do primeiro Bispo de Elvas D. Antonio Mendes de Carvalho, de D. André de Noronha, dos Pittas e de outros nobres e mecanicos da villa, a construcção estendeu-se pelo reinado de D. João III, em que Diogo Ennes levantou a torre dos sinos, com 24 metros de altura sobre 6^m,50 de largura por face, que se concluiu no anno de 1556; na ameia central do lado do Norte está esculpido o escudo do magnanimo D.

André de Noronha, ultimo abbade d'esta freguezia, e em 1560 Bispo de Portalegre.

Para o madeiramento do interior da igreja contractaram o entalhador de Tuy, Francisco Munhoz, que fez não sómente os espelhos dos caixões que embelezam a parte mais elevada da nave central, mas o primitivo retabulo da capella mór, que ha muitos annos desapareceu n'uma reforma qualquer; o tecto, em fôrma de maceira, tem a parte media occupada por uma serie de paineis com os remates salientes em pinhas bem trabalhadas; nos taboleiros lateraes, d'um tópo a outro, recorta-se um rendado de travessas que terminam nas extremidades pelo enlaçamento em arabescos, imitando os azulejos de desenhos geometricos d'Alambra. Este maravilhoso trabalho, executado em madeira de bôrdo (acer campestris) foi concluido a 20 de abril de 1565, tendo successivas reformas em 1622, 1695 e a ultima restauração ha poucos annos.

II

O edificio é bem lançado, elegante mesmo; circumda-o superiormente em toda a volta uma formosa platibanda de pedra, finamente rendada em estylo manuelino; apoiam as paredes de cantaria, em correspondencia aos elevados arcos que separam as naves, estribos terminados por lindos corucheos; a fachada principal apresenta até meia altura uma bella portada ornamentada nos entablamentos, pilastras e archivoltas com laçarias da Renascença e com medalhões em alto relevo nos cantos; mas um primor é a porta lateral do sul, que se diz feita em rivalidade com o artista da porta principal, e onde Tolosa desenvolveu todos os seus recursos.

Lembra nas minucias a porta travessa da Sé Velha de Coimbra; sobre o arco da porta e apoiados nas pilastras afestonadas com tropheus abrem se os nichos com os Evangelistas em relevo, figurados tanto ao natural, que maravilha; o frontão tem no vertice um crucifixo e nos acroterios a sua albarrada, e no tympano a Virgem com o Menino, adorada por anjos ajoelhados, tudo lavrado em granito da nossa provincia.

Dous diversos successos causaram a este templo notavel ruina.

No dia 21 de janeiro de 1636 um terrivel cyclone veio sobre a villa de Caminha, passando pela igreja lhe derribou as pyramides dos corucheos, o crucifixo da porta lateral, fazendo até cahir as imagens dos Evangelistas, as guarnições da platibanda da capella dos Mareantes, e algumas ameias da torre; o rijo vento que soprou toda a noite faria ir pelo ar o edificio, se lhe não acudisse o povo a fechar as portas arrombadas pelo temporal, o que con-

seguiram com esforços que custaram a vida a Miguel de Andrade.

A artilheria que jogava o revelim de S. João, que se construiu defronte do adro, pôz em risco a estabilidade do templo, e por vezes se quebraram os vidros e os azulejos, fendendo-se as paredes, tornando-se necessario abrir as portas da igreja antes de dispararem as peças na plataforma fronteira.

Emquanto viveu, cuidou da Igreja por nomeação da Camara o visinho Lourenço da Gama e Andrade, que com gente de Villar de Mouros lhe reparava os estragos; depois cahiu em abandono e lhe chovia como na rua, de modo que o Padre Gonçalo da Rocha de Moraes, douto antiquario e zeloso amante das cousas de sua terra, tomou a seu cuidado, em 1725, a reforma do templo, mandando vir operarios d'Affife, que compozeram todo o edificio e concluíram o exornamento das paredes com azulejos.

III

Somos agradavelmente impressionados quando entramos dentro da igreja; os dez elevados arcos, de volta inteira, se não nos fallece a memoria, apoiam-se em delgadas e elegantes columnas. Na nave central e na capella mór nota-se a arrogancia da concepção da architectura gothica; para illuminar as naves lateraes abriram posteriormente na fachada principal amplas janellas, que não bastam, ficando as capellas que ladeiam a dos Mareantes com pouca luz; sobre um grande arco de sarapanel, estylo manuelino, encontramos uma vasta capella, bem guarneçada, com delicadas imagens e muitas offer-tas que os homens do mar, a quem a villa deve a existencia, teem accumulado ha quatrocentos annos, adquirindo valiosas alfaias.

Ao lado da capella mór estão duas outras, a do Santissimo ao sul com um sacrario de rodizio, apresentando os Passos da Paixão em volta, excellente talha custeada em 1674 pelo sargento mór Domingos Barbosa de Faria, e feita pelo escultor Francisco Fernandes; aqui achamos as antigas sepulturas da familia Pitta, a mais distincta da villa; guarnece a capella do norte, dedicada á Senhora do Rosario, um bello retabulo, risco do coronel de engenheiros de Vianna, Manuel Pinto Villalobos, e mandado fazer em 1704 pelo benemerito P.^o Gonçalo da Rocha de Moraes, auctor das — *Grandezas da Villa de Caminha e seu termo* — que escreveu em 1722, quando contava 77 annos de idade; representa a alludida talha a arvore de José, com os reis, e executou-a em Barcelinhos Manuel d'Azevedo, pela quantia de 160 mil réis.

Em summa a Matriz de Caminha, que felizmente hoje está inscripta como monumento nacional, é o primeiro templo do nosso districto.

1.^o de Novembro de 1897.

L. de Figueiredo da Guerra.

MEMORIA HISTORICA

SOBRE

A Igreja de Bravães

A tres kilometros da villa de Ponte da Barca, sobre a estrada que segue para Ponte de Lima, encontra o viandante um vetusto templo, que se ergue na orla do caminho.

A nossa curiosidade augmenta quando reparamos no bem lançado do edificio, que mede 22^m,50 de comprido sobre 8^m,50 de largo, com 10^m,00 de altura, composto de fiadas altas de cantaria, rematadas por uma cornija enxaquetada sobre modilhões esculpidos. A fachada orientada com portal de profundas arcadas de volta inteira, carregadas de figuras allegoricas e sustentadas por columnas compostas de marmanjos, estatuas, pelicanos, e cordas entrelaçadas mui artificiosamente; os capiteis cubicos tambem brincados no mesmo genero, com pombas, pavões ou griphos bebendo n'uma taça, exactamente como se vêem nas igrejas de Nossa Senhora do Porto [em Clarmont, e da abbadia de Souillac, no gosto da escola de Tolosa; os baixos relevos dos tympanos das portas principal e lateral, a cruz Trina do cordeiro, symbolisando o Salvador, e as outras que sobrepujam a capella mór; a pouca inclinação dos telhados, o rosaceo ou oculo com raios columnados, aberto sobre o arco elevado do cruzeiro, as pequenas janellas guarneçadas de columnas com seus capiteis, a fresta da charola ou ciborio e outras demais minudencias, nos denunciam uma igreja monumental dos fins do seculo XI ou começo do XII.

Esta preciosa reliquia do estylo bysantino-romano ou mais propriamente da escola romã, é a igreja do mosteiro de S. Salvador de Bravães.

A iconographia christã e o symbolismo medieval aqui encontram bastantes elementos de estudo, tão raros hoje em dia na nossa provincia.

A rapida propagação das ordens religiosas no Occidente durante o seculo XI, as pingues devoções, as riquezas do Oriente, os despojos das guerras e a permanencia de cruzadas francezas na Peninsula

contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento da architectura no periodo romão.

As estatuas das columnas do portal da egreja, a que acima nos referimos, representam, a do norte uma dona toucada, e a do sul um cavalleiro, de roupagens singelas, cingidos ambos por uma corda, calçados, e com as mãos abertas, em attitude de adoração, segundo o uso da epoca; são os doadores que ordinariamente costumam apparecer em qualquer parte secundaria do monumento, em pequenas proporções e humildemente prostrados.

Esta singularidade só tem cabal explicação na alta gerarchia dos fundadores da egreja de Bravães.

Este mosteiro e templo são devidos á piedade de um rico-homem de D. Affonso VI de Leão, por nome Dom Vasco Gomes (a), de sua mulher D. Aldara Lopes, elle filho de D. Vasco Gomes, arcebispo de Tolêdo, e esta do Deão de Compostella, D. Fernando Affonso de Santiago e de uma mouroa de Salamanca.

Attribuimos esta fundação ao anno de 1080, dedicada ao Salvador do Mundo, e levantada n'um reuengo, que mais tarde o rei D. Affonso Henriques deu e coutou a D. Paio Vasques (b), filho dos doadores, e senhor da quinta de Santa Vaia, na freguezia de Vallões.

Foi este mosteiro de conegos regnantes de Santo Agostinho, dependentes do mosteiro proximo de S. Martinho de Crasto; o arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, obtendo a bulla do Papa Martinho V, supprimiu, com muitos outros, este de Bravães no anno de 1420 (c).

Reduzido a commenda secular, foi seu primeiro commendatario D. Rodrigo Taveira, senhor do Paço de Lavradas, e descendente do celebrado judeu Rui Capão.

Depois passou este beneficio a Gonçalo de Barros, senhor d'Entre Homem e Cavado, e commendatario do mosteiro de Bendufe, junto a Braga, no reinado de D. Affonso V; durante a sua administração foi reedificado o mosteiro, e ornada a capella mór com a pintura a fresco, representando o nascimento e morte de Christo, ao fundo, e sobre o altar a saudação: PAX VOBIS; aos lados enfileiram-se os apóstolos, com rotulos contendo versículos biblicos em bello gothico minuscule; o altar mór, que encerra as reliquias de Santa Victoria e de S. Bonifacio, foi exornado de bellos azulejos polychromos de Sevilha, que hoje já não existem.

O serviço do campanario é feito por uma escada aberta na espessura da parede do frontespicio, sobre o côro.

O arco cruzeiro, de volta arabe, está mui artificioosamente trabalhado, com duas ordens de leões passantes.

Nas paredes externas do templo existem quatro inscripções, não nos referindo agora aqui á moderna, e porque não podemos decifrar um outro, cujos signaes já gastos se vêem no silhar do cunhal do S. O.; unicamente apresentamos as duas, que são as mais importantes.

Na padieira da porta do claustro está gravada a legenda:

ERA. M. CC. XX. V.
OBIIT. PRIOR. ECLE. E.
MENENDIZ. TV.
LECTOR. ME-
MENTO. MEI

que em vulgar quer dizer:

«Na era de 1225 (anno de 1187) morreu o Prior d'esta egreja, Egas (d) Menendiz (Mendes). Tu leitor lembra-te de mim.»

No lado do norte, no sitio onde deveria ter encostado a torre, achamos uma pequena lapide com estas tres linhas:

ISTAM. TORRE,
FECIT. PRIOR. E
RUDERIC. ETRI

que significa:

«Esta torre fez o Prior d'esta egreja, Rodrigo Petri (e) Peres ou Pires.»

O edificio do mosteiro, que fica, como o costume, pelo meio dia da egreja, desde 1834 que cáe em ruinas; a estrada de Ponte do Lima á Barca cortou em 1876 o claustro, apparecendo então alli algumas sepulturas de pedra inteiriça, tumulos dos antigos commendatarios.

Da casa convertida em celleiro das rendas, e por ultimo em residencia parochial, hoje restam uns laços de muro, cobertos de hera.

O brazão dos Barros, que sobrepujava a porta do mosteiro, e alli mandado collocar no meiado do seculo XVI pelo commendatario Tristão de Barros, foi a nosso pedido, conservado, e metteram-o no

(a) Portugaliae Mon. Hist. Scriptores, pag. 174.

(b) Port. Mon. Hist. Inquisitiones, vol. I, pag. 409.

(c) D. Rodrigo da Cunha, Hist. eccl. dos Arceb. de Braga, tomo 2.º, pag. 226; e Serie chronol. dos prelados de Braga, Coimbra 1880, pag. 48.

(d) Port. Mon. Hist. Inquisit. vol. I, pag. 38, 236-237. Em 1220 era Abbade de Bravães Petrus Menendis (Pero Mendes).

(e) Port. Mon. Hist. Inquisit. vol. I, pag. 409.

novo edificio da residencia, porém em tão má hora que o pozeram ás avessas.

* *

A igreja de Bravães tem recebido mais injurias dos homens que dos seculos.

A Corographia portugueza do padre Carvalho chama ao seu fundador D. Vasco Nunes.

D. Rodrigo da Cunha, na sua historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga (f) corrompe lhe o nome em *Barbar*, erro seguido pelo padre Correia na sua serie chronologica dos Prelados de Braga.

Julga-se commummente que esta igreja pertenceu aos Templarios, fundamentando essa opinião na cruz inscripta no circulo, e na supposta palavra *equitum* que leem na abreviatura de *ecclesiã*, no letreiro da porta lateral.

A ordem do Templo nunca possuiu n'esta freguezia de Bravães um palmo de terra, como se pôde verificar na Relação dos Bens das Ordens; demais a cruz é a grega, usada em todos os templos d'aquella epoca, e como ainda hoje vemos nas escadas do mosteiro de S. Martinho de Crasto, na igreja do mosteiro beneditino de S. Claudio, junto a Vianna, na igreja de S. Pedro de Rates, e n'outras muitas que podiamos apontar.

A entrada dos Templarios em Portugal realisou-se de 1120 a 1126, quando é certo que este templo tem fundação anterior a 1120.

A architectura d'esta igreja do Salvador de Bravães é romã pura, devida, sem duvida, a artistas estrangeiros; não tem coisa alguma do estylo ogival, pois que o arco cruzeiro elevado em ferradura, e o da porta do claustro, mudejar, pertencem á escola arabe de Tolêdo; a ogiva só se começou a propagar em Portugal no reinado de D. Diniz.

Assim fica rebatida a asserção expendida no «Minho Pittoresco» (g) de que Bravães seja «*de um bello estylo gothico!*»

L. de Figueiredo da Guerra.

CONVENTO DE CHRISTO EM THOMAR

Meu Ex.^{mo} Am.^o e Sr. Visconde da Torre da Murta. — Vou finalmente cumprir hoje a promessa que ha mezes fiz a V. Ex.^a de lhe remetter copia do desenho confido dentro da primeira letra maius-

cula do primeiro volume dos livros de Pedro Alvares, existentes na Torre do Tombo.

E' natural que todas as pessoas que têm consultado aquelles preciosos codices quincentistas, tenham notado o desenho a que me refiro; mas por desconhecerem a capella dos Templarios de Thomar, não hajam comprehendido que era aquelle o desenho da sua fabrica primitiva, antes das mutilações manuelinas, que lhe tiraram o seu vetusto cunho medieval, e desnaturaram a obra de arte.

Perante V. Ex.^a que é um digno membro da associação dos architectos e archeologos portuguezes, não preciso eu justificar a propriedade dos termos — *mutilações manuelinas*, que acabo de empregar. A philosophia da arte, avaliando devidamente o valor esthetico das grandes concepções artisticas dos diversos periodos historicos, não pôde confundil-as, amalgamal-as em anastomose hybrida, como succedeu por toda a parte, até ao desabrochar do sentimento moderno, caracterizado pelo amor da pureza dos estylos.

Na primeira pagina do referido codice se observa a semcerimonia e o desrespeito com que o erudito chronista da ordem de Christo louvava os aformoseamentos manuelinos feitos na capella dos Templarios.

Como V. Ex.^a sabe, eu não tenho pretensões a entender de architectura ou de archeologia; mas possuo em alto grau o sentimento admirativo pelos monumentos historicos, como manifestações authenticas da vida affectiva das gerações que nos precederam. Eu vou até mais longe: em face da civilização moderna, considero verdadeiramente barbaro um paiz que não possue a intuição de amor e de respeito pelos seus monumentos.

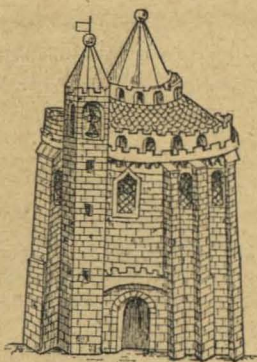
Tendo eu passado os meus primeiros annos em Thomar, e tendo ainda hoje ali duas filhas casadas, visito a miude aquella formosa terra, e rara vez ali vou sem fazer uma piedosa romagem pseudo-artistica ao extraordinario Convento de Christo. Foi desta maneira que tratei de indagar se seria possivel descobrir os vestigios da cupula que primitivamente cobria a capella dos Templarios; e com effeito lá estão bem visiveis sobre a abobada, que tambem foi deturpada pela restauração manuelina, que converteu a Capella polygonal, em que os cavalleiros do Templo celebravam o seu mysterioso culto, no que depois se chamou e chama a *charola*, vocabulo este a que eu tambem darei a sua acceção figurada.

O corpo central da capella, formado por bellos arcos bysantinos, recebia luz das pequenas frestas que se notam no alto da cupula, conforme o desenho. A restauração manuelina guarneceu-o de riquissimos baldaquinos gothicos e formosas estatuas de prophetas, cobrindo-o ao mesmo tempo de es-

(f) Tomo II, pag. 226.

(g) Vol. I, pag. 359.

peça abobada, e tornando-o escuro como breu; e para não ficar tudo ás escuras, rasgou nas muralhas altas janellas estreitas; e por fim substituiu a cupula por um telhado razo circumdado de ameias quinhentistas fabricadas de tijolo. Não me refiro á nave e ao côro, porque estes são mais propriamente accrescentamentos, e por tal maneira originaes, typicos e ricos, que fazem emmudecer a critica mais severa: só a celebre janella da casa do capitulo é um alto poema de pedra, celebrando os nossos feitos maritimos, que pôde andar a par dos «Lusiadas».



EGREJA DOS TEMPLARIOS

segundo a illuminura d'um pergaminho existente na Torre do Tombo

Em todo o caso, da Capella dos Templarios restam-nos hoje apenas as muralhas e os arcos bysantinos; mas a impressão daquelle edificio polygonal, meio fortaleza, isolado dentro da vasta cerca de muralhas do castello, com a sua cupula ponteaguda terminada por alterosa grimpá, semelhando uma imponente tenda de campanha, isso desapareceu, como desapareceu tambem uma inscripção que existia sobre a unica porta da capella, porta transformada hoje em larga janella manuelina; e d'essa inscripção constava, como diz Pedro Alvares, quem fôra o fundador daquelle templo.

Como V. Ex.^a sabe melhor do que eu, as primeiras manifestações da arte architectural tiveram por cunho principal o utilitarismo, a adaptação a um fim determinado. A feição esthetica da arte só mais tarde se lhes associou; é um producto da evolução de sentimento e da intelligencia humana. Os monumentos architectonicos representam, pois, a concretisação da vida moral e psychica, a ethnographia das gerações que nos precederam. Eis porque eu lamento as restaurações com estylos inadequados, ainda quando estes tenham alto valor, sob o ponto de vista esthetico.

Creio eu que, quando no nosso paiz a cultura intellectual e o sentimento publico se elevarem até á generalisação do estudo e do respeito pelos nossos

monumentos, se comprehenderá o alto valor daquelles que existem na séde do mestrado da ordem do Templo, de origem franceza, como franceza foi a origem da nossa patria. Até então, a nossa rhetorica produzirá apenas um ruido incomprehensivel no animo do vulgo, como quando se ouve idioma desconhecido. Eis porque tomei a liberdade de offerecer a V. Ex.^a copia do meu achado, a qual archivada na benemerita associação, de que V. Ex.^a faz parte, poderá talvez concorrer para o estudo futuro a que me refiro.

A proposito ainda dos monumentos de Thomar, e respondendo ao appello da digna associação dos architectos e archeologos, lembro a V. Ex.^a o estado lastimavel das primorosas esculpturas da renascença italiana (1545), que se encontram ao fundo da escada do impropriamente chamado claustro dos Philippes do Convento de Christo, esculpturas que circumdam tres portaes, hoje intaipados, que deviam communicar aquelle claustro com a nova casa do capitulo, que não chegou a ser concluida, e que modernamente foi alienada pelo estado, quando depois de 1834 se procedeu methodicamente á pulverisação dos nossos monumentos religiosos. As aguas pluvias têm ido todos os annos continuando a destruição daquelles primores, tão raros no nosso paiz. Ha poucos annos, achando-me eu em Thomar, fui testemunha de que tres dignos membros da commissão dos monumentos se dirigiram á propriedade confinante, no intuito de moverem o proprietario a mandar proceder á insignificante obra necessaria para evitar a invasão das chuvas; mas o facto é que tudo ficou no mesmo estado, e a destruição continua. As esculpturas representam a paixão de Christo, n'este momento victima dos phariseus da arte.

Esta já vae longe, e eu não desejo importunar a V. Ex.^a, mas antes de terminar, não posso deixar de deplorar o abandono em que se encontram os paços do infante D. Henrique, e mais tarde da benemerita rainha D. Catharina viuva de D. João III, assim como os ricos capiteis gothicos do claustro da lavagem, por aquelle principe construido, e que ha annos se desmoronou. Os capiteis acham-se dispersos pelo terreiro do convento, expostos ás mutilações barbaras de quem passa. Talvez não importasse grande dispendio a reconstrucção do claustro com grande parte da antiga cantaria. Seria talvez este alvitre uma fôrma elevada de commemorar o 4.^o centenario da descoberta da India, conseguindo do governo uma pequena verba annual para a restauração. A situação afflictiva do thesouro, como se diz no discurso da corôa, não pôde servir de pretexto para se negar o subsidio. Não se tem gastado e continuarão a gastar milhares de contos para dar que fazer aos operarios sem trabalho?

Pois bem: basta que durante alguns annos se distraiam dois ou tres contos de réis da verba applicada áquelle fim, para se restaurar o formoso claustro, empregando ao mesmo tempo a competencia de algum dos novos architectos, que á custa do estado foram estudar ao estrangeiro.

Quando em Thomar se celebrou o setimo centenario de Gualdim Paes, primeiro mestre portuguez da ordem do Templo, o governo mandou restaurar a vetusta egreja de Santa Maria do Olival, onde jazem as cinzas daquelle varão illustre, que concedeu foral á humilde pobla, que se levantava á sombra da protecção das muralhas do castello, e que hoje é a florescente cidade industrial. E note V. Ex.^a: foi um homem só, a alma daquelle centenario, o meu velho amigo sr. Vieira Guimarães, filho de Thomar, formado em medicina, mas então apenas estudante. Veja V. Ex.^a quanto vale a energia e a perseverança de um caracter!

Não valerá tanto a celebração do quarto centenario da descoberta da India? A restauração do claustro teria um duplicado fim — homenagem ao navegador illustre, que preparou a nossa epopêa maritima, e simultaneamente seria a reivindicação para a arte nacional de um rico monumento inteiramente perdido n'um montão de escombros. Não seria este um emprehendimento digno da associação dos architectos e archeologos portuguezes? Mas tudo isto creio bem que não passará de um sonho vão. Ha quem pretenda que a emoção que sentimos ao contemplar um valioso monumento em ruínas, provém em grande parte da evocação das instituições passadas, que as ruínas nos suggerem. Os nossos governos compenetrados desta profunda philosophia, deixarão estar as ruínas, e todos os annos continuarão a inventar obras para fazerem socialismo ex-cathedra, que aggrava a crise do trabalho; e os verdadeiros padrões da arte nacional, que também são padrões de gloria immorredoura, cahirão por terra, no momento historico em que meia duzia de homens estão levantando o paiz aos olhos dos estrangeiros, com a celebração dos nossos feitos immortaes! Que antitheses nos apresenta a historia! E os pannos das paredes dos paços do Infante continuarão a abrigar duas formosas laranjeiras e uma palmeira, que vivem ermas naquelle terreno sagrado, como páreas da Africa e da Asia a esta pequena nação do Occidente. Ainda lá sobeja o campo para plantar mais arvores; e talvez que uma alfarrobeira completasse a trilogia symbolica e poetica da gratidão nacional para com os filhos benemeritos de D. João I.

Com a mais profunda estima, tenho a honra de ser Lisboa, 28 de março de 1893.

De V. Ex.^a subdito e am.^o obrig.^{mo}

Ernesto Loureiro

MOSTEIRO DE SÃO SALVADOR DE GRIJÓ

(Continuação do n.º 12, t.º VII)

O citado chronista D. Marcos da Cruz, a respeito dos tres coutos doados ao mosteiro de Grijó, por D. Affonso Henriques e sua mãe, diz: «Não se contentaram os reis d'estes reinos com encherem ao mosteiro de Grijó de mercês, como já vimos algumas e esperamos ainda mostrar outras, senão que quizeram fosse senhor de coutos em que tivesse jurisdicção secular com que fosse buscado, querido e estimado, sendo a condição dos homens tal que não attendem a empregar sua amizade e serviços senão aonde podem achar felicidade, com que aliviem seus desgostos, como advertiu Ovidio quando disse: *«Donec eris felix multos numerabis amicos; si tempora fuerint nubila, solus eris.»* Se transcrevesse tudo quanto este chronista diz sobre confirmações de varios reis a estas doações, muito teria que transcrever; porém entendendo que, para mostrar quanto este mosteiro era considerado pelos reis, basta dizer que quasi todos os monarchas do paiz lhe fizeram mercês. A jurisdicção secular que o mosteiro de Grijó tinha nos seus tres coutos era nas causas civeis, em toda a quantia, e nas crimes, remellia-as para as Justicas de Gaya e Porto, segundo uma carta de el-rei D. Fernando, de 24 de julho de 1370, em que mandava que, quando se commettesse algum crime n'estes coutos, o juiz e jurados prendessem os criminosos e os entregassem ás justicas de Gaya, fóra d'estes coutos. Como prova de que as justicas de fóra não podiam exercer jurisdicção dentro dos coutos do mosteiro, temos o que aconteceu, quando as de Gaya fizeram certas diligencias no de Tarouquella, mandando el-rei D. Diniz passar ao mosteiro uma carta em que faz saber ás justicas de Gaya, que não podem prejudicar ao dito couto as diligencias que alli mandarem fazer, sem ordem do prior de Grijó, declarando mais o dito rei n'esta carta, que não quer que os coutos d'este mosteiro fiquem devassos, senão em o estado em que os deixou el-rei D. Affonso Henriques.» Tem esta carta a data de 3 de fevereiro de 1291.

D. Affonso IV manteve os mesmos privilegios; sua filha D. Beatriz e seu filho D. Pedro I, aquella em carta de 3 de maio do anno 1311 e este no anno de 1365, de novo mandaram que se não fizessem n'estes coutos diligencias pelas justicas de Gaya. Ha n'estes coutos, diz D. Marcos da Cruz, ouvidor que é o prior do mosteiro, o qual ainda que não póde assistir ás eleições que se fazem de juizes, como está julgado por sentença, comtudo elle os confirma, de que faz termo o escrivão, que elle assigna. E ao novo juiz eleito passa carta de Ouvidoria e dá juramento de fazer bem o seu officio.

quando lhe entrega a vara n'um dia de janeiro, do que está em posse fundada em uma sentença que o mosteiro houve, sendo rei d'estes reinos D. Afonso IV no anno de 1339, dada pelos ouvidores Domingos Paes e Joanne Annes Melon, que pelo reino foram inquirir das jurisdicções que n'elle havia. E assim, querendo o corregedor da comarca do Porto, Lopo Dias de Goes, no anno de 1620, dar juramento a este juiz, se lhe mostrou esta sentença, com que cessou, a qual não é necessario ser confirmada pelo rei, para ter vigor, visto ser sentença e não doação. O juiz era eleito na forma da Ordenação, de tres em tres annos, na ultima oitava do Natal, em que se elegem tres juizes para os tres annos, cujos nomes se mettem em tres bolas de cera em um saquinho, que está fechado, em uma arca do concelho, que tem tres chaves das quaes uma tem o juiz e as outras duas os que immediatamente o foram, do qual saquinho tira um menino uma das bolas de cera, estando presente o povo e os da vereação d'estes coutos com o juiz, que acaba, que fica Almotacel e tem a vara entregue ao prior, o qual vê o escripto que está no rebolo, e o que n'elle se acha, e se é o que aquelle anno serve de juiz, e entregando-lhe a vara, lhe dá juramento e passa carta de Ouvidoria. Este juiz assiste com o escrivão, que é confirmado por el-rei, ás eleições dos Almotaceis, que se fazem pelo povo.

Fazem audiencias publicas, de quinze em quinze dias, nas terças feiras, no meio do terreiro do mosteiro, onde se costumam fazer todas as eleições do povo. Os Almotaceis são dois a quem o juiz dá o juramento de fazerem bem o seu officio, os quaes fazem audiencia, correção com o juiz e põem os preços ás couzas que n'estes coutos se vendem, sem que a camara do Porto, ou outras justiças, possam fazer correção, senão elles, como está determinado em varias sentenças que adiante mostraremos. Serviam estes Almotaceis antigamente, muito tempo; o que vendo o povo era contra a ordenação e costume d'este Reino fez petição ao prior de Grijó, como ouvidor d'estes coutos, pedindo-lhe mandasse que não durassem mais que dois mezes os ditos Almotaceis, o que fez no anno de 1598, em 25 de janeiro, que é o costume que hoje se guarda.

Não ha hoje n'estes coutos vereadores e camara ainda que já algum tempo houve e se introduziu por uma sentença dada pelo juiz do tombo d'este mosteiro, o desembargador Miguel de Barreira e pelo corregedor da comarca do Porto, que depois se encontrou, e por mais que o mosteiro replicou, fundado nas sentenças que tinha (em que se declarava podia ter camara este conto) e costume de que havia já annos gosava; deu-se sentença contra o mosteiro, visto não terem os privilegios esta ca-

mara e as sentenças serem dadas por juizes incompetentes, que não podiam dar direito que fizesse posse, por ser sómente juiz competen'e, n'este caso, o juiz dos feitos d'el-rei; desde a qual sentença não houve mais camara n'estes coutos.

(Continúa)

José Pinto da Silva Ventura.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação dos n.ºs 1 e 2)

Castro — aldeia, conc. de Vinhaes. — Vestigios de uma antiga fortaleza e grande povoação. — *Castellos antigos* por Alexandre Herculano (*O Panorama*, vol. III, pag. 335); *Castros*, art. do sr. dr. Leite de Vasconcellos, no *Archeologo Português*, 1895, n.º 1, pag. 3. *Archeol. Port.*, III, n.º 12 pag. 284.

Castro ou Crasto — monte, freg. de Romariz, conc. da Feira. — Em 1845 foram aqui descobertos varios *carns* celticos, e vestigios de uma grande mamoá e de uma povoação antiquissima. Tambem aqui se encontraram n'uma amphora de prata 102 medalhas e meia de prata de diversos imperadores romanos e da republica e juntamente uma meia lua e uma argola, ambas de ouro. — Vestigios de alicerces antiquissimos na serra do Pinheiro.

Castro d'Avellans — freg., conc. de Bragança. — Inscrição latina, no altar mór da igreja matriz. — Proximo do rio Sabôr, vestigios de uma grande povoação. — No frontispicio da igreja, uma lapida com inscrição em portuguez. — Parte da igreja e uma torre de 24 metros de altura, pertencentes ao mosteiro de frades bentos fund. em 667 por S. Fructuoso. — *Memoria sobre as ruinas do mosteiro de Castro d'Avelãs e do monumento e inscrição lapidar que se acha na capella mór da antiga igreja do mesmo mosteiro*, por Francisco Xavier de S. Payo (*Mem. de litterat. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa*, t. v); *Corpus — Inscript. Hisp. Latin.*, vol. II, Supp. 909; *Revista Archeologica*, de Borges de Figueiredo, t. I, 1887; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Hübner, pag. 88; *Relatorio sobre as ruinas romanas descobertas junto da povoação de Castro d'Avelãs no mez de fevereiro de 1887* pelo sr. J. Henriques Pinheiro (*Revista de Guimarães*, pag. 71, abril de 1888); *Ruinas do mosteiro (Panorama, 1857, pag. 257). Quatro dias na serra da Estrella* pelo sr. E. Navarro, pag. 175; *Archeol. Portug.*, II, n.º 12, 285; *A terra portugueza* pelo sr. Rocha Peixoto, pag. 71; *Archeol. Port.*, n.ºs 7 e 8, vol. III; *Religiões da Lusitania* pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos, t. I.

Castro Daire ou Castro d'Aire — villa e concelho. — Vestigios de um fortissimo castello. — Sumptuosissima igreja principiada no reinado de D. Diniz. — Gruta da Cora da Moura. — *Portugal prehistorico (Bibliotheca do Povo)* pelo sr. dr. Lei-

- te de Vasconcellos, pag. 21; *Ara romana descoberta em Castro Daire*, por Borges de Figueiredo (*Revista archeologica*, t. I, n.º 4); *Lapida luso romana* por Sá Villela (Silva Leal) no *Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol.*, t. II, n.º 4; *Branco e Negro*, I, n.º 15.
- Castro Laboreiro** — villa, conc. de Melgaço. — Nas proximidades ha um castello, que parece ter sido edificado pelos romanos. — *Ponte pedrinha*, construida pelos mouros (?). — Capellinha da *Senhora d'Anamão*, n'uma gruta natural, cavada em rocha viva. *Archeol. Portug.*, III, n.º 12, pag. 284.
- Castro Marim** — villa e concelho. — Duas fortalezas. — *Corpus — Inscrip. Hisp. Latin.* pelo sr. dr. Hübner, vol. II, supp., 736 e 737; *Archivo historico*, vol. II; *Relat. e mappas acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e as villas* por Vilhena Barbosa; *Archeologo Português*, 1893, n.º 4, pag. 97; *Noticias Archeologicas de Castro Marim* pelo sr. dr. A. dos Santos Rocha (*Archeol. Português*, n.ºs 5 e 6); *Die Baukunst der Renaissance in Portugal* por A. Haupt, vol. I.
- Castro Vicente** — villa, conc. do Mogadouro. — Castro romano em *Villa Velha*. — *Archeol. Port.*, III, n.ºs 9 a 11, pag. 239; n.º 12, pag. 284.
- Catania** — freg. de S. Salvador de Louredo, conc. da Póvoa de Lanhoso. — Vestigios de antiquissimas fortificações junto do monte de S. Miguel e dos outeiros de Castilhão e Brandião.
- Catharina** (Oratorio de Santa) — arrabalde da villa de Alemquer. — Inscripções latinas em duas lapidas do hospicio de frades franciscanos. — Lapidã com inscripção em portuguez debaixo do arco cruzeiro. — *Alemquer e o seu concelho* pelo sr. Guilherme João Carlos Henriques.
- Cava de Viriato** — No artigo **Vizeu** trata-se d'este monumento.
- Cávado** — rio. — Na freg. de S. Thomé de Perozel-lo tem uma ponte de cantaria de 12 arcos, sumptuosa construcção romana, por onde passava uma das cinco vias militares que de Braga sahiam para a estrada da Geira. — *Revista archeologica*, IV, n.º 4; *Pontes romanas em Portugal*, pelo sr. dr. Pedro Augusto Ferreira (*Bolet. da R. A. dos Arch. e Archeol.*, t. V, n.º 12, pag. 182); *Archeol. Port.*, III, n.º 12, pag. 284.
- Cavez** — freg., conc. de Cabeceiras de Basto. — Ponte sobre o Tamega, edifice. no sec. XIII por fr. Lourenço Mendes; tinha uma inscripção em portuguez. — *Das ordens religiosas em Portugal* por Pedro Diniz, cap. II, pag. 18; *Pontes romanas em Portugal* pelo sr. dr. Pedro Augusto Ferreira; *O Minho Pittoresco*, t. I, pag. 331; *Archeologo Portuguez*, n.º 9, pag. 252.
- Cáya ou Cúia** — freg., conc. d'Elvas — Tres atalaias: da *Mexia*, de *Marvão* e de *Segoria*.
- Cea ou Ceia** — villa e concelho — Castello. — Convento de frades cruzios, chamado de S. *Romão de Ceia*, fund. no principio do sec. XII por dois presbyteros. — *Memoria sobre a villa de Ceia* por Agostinho de Mendonça Falcão, t. VIII das *Mem. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa*; *Archeologo Português*, t. I, pag. 326.
- Cedrim ou Sedrim** — freg., conc. de Sever do Vouga. — «Em 1017 tinha um mosteiro de monges beneditinos, que em 1030 foi doado por D. Gonçalo (filho do Conde D. Mendo Luc) e sua mulher, D. Flamula (Chamma) ao convento beneditino de *Pedroso*, conc. de Gaia.»
- Ceiça ou Ceice ou Ceissa** — freg., conc. de Villa Nova d'Ourem — Convento de frades bernardos, fund. em 836 pelo abbade João, cuja sepultura está na igreja d'aquelle mesmo convento.
- Ceiça** (Santa Maria de) — povoação prox. do Mondego e da Figueira. — Ermida de N. S.ª, fund. cerca do annó 850. — Convento de frades bentos, fund. em 1163 por D. Affonso Henriques. — Ruínas de *Cister*. — *Ceiça, Cellas, Lorrão* por A. F. Simões no jornal *A Arte*, 1880, pag. 6, 18, 111; *Capella de N. S.ª e mosteiro (Occidente, x, 227)*; *Scriptos diversos* de A. Filipe Simões, pag. 76.
- Cella** — villa, conc. de Alcobaca. — Misericordia erecta na ermida do Espirito Santo, em 1583, por Antonio Rebello, com provisão regia e bulla do papa Gregorio VIII. — Albergaria. — *Archivo historico*, vol. I; *Revista Illustrada*, 1892, pag. 216.
- Cellas** — prox. a Coimbra. — Convento de freiras bernardas fund. em 1210 pela infanta D. Sancha, filha de D. Sancho I (irmã da rainha Santa Mafalda) — Lapidã com inscripção latina, que existiu nos claustros d'este mosteiro — *O mosteiro de Cellas* pelo sr. Gabriel Pereira (*Revista illustrada*, 1891, pag. 176); *Ruínas de Cister. Ceiça, Cellas Lorrão* por A. F. Simões no jornal *A Arte*, 1880, pag. 6, 8, 111; *Scriptos diversos* de A. Filipe Simões, pag. 76; *Occidente*, XIV, pag. 179; *O culto da arte em Portugal*, pelo sr. R. Ortigão, pag. 72.
- Celorico da Beira** — villa e concelho. — No frontispicio da igreja de S. Martinho, fund. pelos templarios, duas pedras com uma inscripção latina, as quaes se conservam na parede exterior da capella mór, do lado do evangelho. — Ruínas de um castello. — No *Campo do Tabolado* appareceu em 1633 uma lapida com inscripção romana. Ao S., junto do rio Mondego, teem-se descoberto varias antiguidades romanas. — Igreja de S. Pedro fund. em 1230 pelos templarios. — Misericordia instituida na igreja de Santo André, no reinado de D. João III. — Albergaria. — Ponte de cantaria sobre o Mondego, feita no reinado de D. Manuel (principio do sec. XVI). — *Compendio historico da villa de Celorico da Beira* por Luiz Duarte Villela da Silva (Lisboa, 1808); *Archivo historico*, vol. II; *Relat. acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *As cidades e as villas* por Vilhena Barbosa; *Occidente*, vol. II, pag. 182, IV, 270; *Castello (Archivo Pittor., VII, 409)*. *Archeol. Port.*, n.ºs 7 e 8, vol. III.
- Cemide ou Semide** — villa, conc. de Miranda do Corvo. — Convento de freiras bentas fund. para frades em 1134 por D. João Anaya, que foi bispo de Coimbra, e D. Martinho de Anaya, seu irmão; passou a ser de freiras em 1183.
- Cem Soldos** — freg., conc. de Thomar. — Convento de Santa Cita, que foi de recoletos de S. Francisco.
- Cendufe e Rio Cabrão** — freg., conc. dos Arcos de Val de Vez. — Vestigios de um *Castrum* romano prox. a Cendufe. Teem aqui apparecido moedas romanas, de ouro e prata, de diversos imperadores; e tambem uma *necropolis*. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 294. — *Archeol. Port.*, n.ºs 7 e 8, vol. III.
- Cepellos** — freg., conc. de Amarante. — Albergaria

ria, instituída por D. Mafalda, mulher de D. Afonso I. — *O Minho Pittoresco*, t. II, 426.

Céras — aldeia, a 12 kilom. de Thomar. — Vestígios de um castello, reedificado por D. Gualdim Paes, mestre da Ordem do Templo.

Cercal — freg., conc. do Cadaval. — Albergaria. — *Archeol. Port.*, III, n.ºs 7 e 8.

Cerdal — freg., conc. de Valença. — Em frente da capella de N. S.ª da Ajuda estão duas fontes, uma das quaes é de excellente architectura e tem á roda assentos de pedra lavrada. — Convento de frades franciscanos de N. S.ª de Mosteirô, fund. em 1382. — Forte de *Pazos* e vestígios dos fortes de *Bacellar* e de *Eima e Pou*, ao norte de Mosteirô. — *O Minho Pittoresco*, t. I, pag. 108.

Cerdedello ou **Serdedello** — freg., conc. de Ponte de Lima. — Mosteiro de freiras bentas, fund. no sec. XI ou XII, convertido em abbadia secular no anno de 1425 pelo arcebispo D. Fernando da Guerra. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 276.

Cerdeira — freg., conc. de Almeida. — Um forte ou alalaia.

Cernache (ou **Sernache**) **do Bonjardim** — freg., conc. da Certã. — Convento de frades capuchos de Santo Antonio, fund. em 1635 por fr. Christovão de S. José, onde é hoje a *Quinta das Aguias*. — Edifício do seminário, mandado construir por D. João VI nos fins do seculo XVIII.

Cernancelhe ou **Sernancelhe** — villa e concelho. — Antigo castello reedificado em 1124 por João Viegas e Egas Gozendes. — Convento de frades franciscanos, chamado da *Ribeira*, fund. por frei Pedro da Ameixoeira em 1460. Em 1520 passou a ser de freiras da mesma ordem, tendo por sua fundadora D. Maria Pereira, que tambem fundou o convento da *Rua*.

Certan ou **Sertan** — villa e concelho. — Misericórdia fund. no reinado de D. João III. Hospital de mais antiga data. — *Descripção topographica da villa da Sertan* public. em 1874 pelo sr. Ivo Pedroso Barata dos Reis; *Archivo historico*, vol. II; *As cidades e as villas* por Vilhena Barbosa; *Branco e Negro*, 1896, n.º 7.

Cerva — villa, conc. de Ribeira de Pena. — Moedas de cobre de Vespasiano, imperador de Roma, aqui encontradas em dezembro de 1870.

Cervães — villa, conc. do Prado. — Inscrição em letras gothicas na porta travessa da igreja matriz. — Pelos annos de 1770, junto da estrada de Chaves para Montalegre, a pequena distancia do logar do *Antigo de Arcos*, povoação da freg. de *Sarraquinhos*, descobriu-se um marco milliario, com uma inscrição. — Cerca de 1840 descobriu-se ao S. do mesmo logar outro marco milliario, com uma inscrição incompleta. — Convento de templarios, que primeiramente fôra de monges beneditinos, fund. por S. Martinho de Dume em 560. — Capella de N. S.ª do *Bom Despacho*, a que deu principio o eremita João da Cruz, natural de Monção, em 1640. — Mosteiro duplex (dos dois sexos) suprimido. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 411.

Cervos — freg., conc. de Montalegre. — *Mórros do Crasto* e do *Facho*. — Vestígios de povoação antiquissima e sepulturas cavadas em penedos (almocabar) prox. á capella de N. S.ª da *Natividade*, vulgarmente denominada N. S.ª de *Gullêgos*. — Marco milliario de forma cylindrica, com inscrição

romana, descoberto, pelos annos de 1770, junto da estrada de Chaves para Montalegre. Está collocado no patim de uma escada do logar do *Antigo d'Arcos*, da freg. de *Sarraquinhos*. — Em 1840 appareceu, ao S. do mesmo logar, outro marco milliario de 1,º90 de alto e o mesmo de circumferencia; tem inscrição romana incompleta: serve de columna de uma varanda e foi-lhe tirado meio metro de altura. — Vestígios de uma via militar romana nos sitios do *Vidual*, de *Travassos da Chan*, do *Crasto* e do *Cortiço*. — *Arch. Port.*, II, n.ºs 7 e 8.

Cerzedello ou **Serzedello** ou **Sarzedello** — freg., conc. de Guimarães. — Mosteiro de monges beneditinos que no sec. XV passou a abbadia secular e por fim a reitoria.

Cerzedo ou **Serzedo** — freg. conc. de Gaia. — «Passava aqui a antiga estrada mourisca.»

Cetobriga ou **Troia**, na margem esquerda do Sado, em frente de Setubal. — Em 1814 descobriu-se aqui um caixão contendo «objectos incontestavelmente phenicios». — Nas excavações feitas tem-se encontrado estatuas, sepulturas, columnas, cippos, medalhas, inscrições, e varios outros objectos do tempo dos romanos, além de diversas casas, algumas de abobada, com pinturas a *fresco* e mosaicos nos pavimentos. — Excavações feitas pela *Sociedade Archeologica Lusitana*, que se constituiu em 1849, sob a presidencia do 1.º Duque de Palmella, sendo seus fundadores os srs. Manuel da Gama Xaro, Domingos Garcia Peres, Anibal Alvares da Silva, Sebastião Maria Pedroso Gamitto, Jorge Torlades O'Neill e João Carlos d'Almeida Carvalho, secretario. Sobre os trabalhos d'esta sociedade convem ler os artigos publicados no *Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol.* t. VII, sob o titulo: *A Sociedade Archeologica Lusitana. As antigualhas extrahidas das ruinas da Troia, e onde é que se acham depositadas* por J. C. d'Almeida Carvalho; assim como a *Historia dos Estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal* pelo conselheiro José Silvestre Ribeiro, t. VIII, p. 303 e seg. — A Real Associação dos Architectos dirigiu em 7 de julho de 1867 uma consulta ao Ministerio do Reino sobre a conveniencia de se adquirirem para o estado as antiguidades de Cetobriga. No anno de 1875 organisou-se em França uma sociedade anonyma para identicas investigações, por iniciativa de Mr. Blin; abandonou, porém, os trabalhos encetados. — Explorações pelo dr. Schliemann. — Moedas de prata do tempo de D. Sebastião e dos Filippes achadas por pescadores na *Costa da Galé*. — *Fouilles de Cetobriga. Société de recherches archeologiques d'exploitation agricole du domaine de Troia* (Portugal) — Paris, 1875; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Hübner; *Archivo Pittoresco*, t. IV; *Conjecturas sobre huma medalha de bronze com caracteres desconhecidos e com os latinos Vetto, achada no logar da Troia defronte da villa de Setueal* por Fr. Vicente Salgado (Lisboa, 1784); *Thermas em Portugal*, pelo sr. J. da Silva no *Boletim da Real Ass. dos Arch. e Archeol.*, 1875, pag. 75; *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana*, n.ºs I, II, III, 1850 1851, pag. 8; *Question Cetobriga, recherches archéologiques sur la ville de Troia* por Eugenio de Fontaineu (Bordeaux, 1875); *Corpus - Inscr. Hisp.*

Latin., vol. II, 8, supp., 803; *Os monumentos da antiguidade em Portugal* por I. de Vilhena Barbosa, pag. 329 dos *Estudos históricos e archeologicos*, t. II, 1878; *Ruínas de Troia (em frente de Setúbal)* pelo sr. dr. J. Leite de Vasconcellos no *Archeologo Português*, 1895, n.º 2, pag. 54 (Contém indicações bibliographicas a respeito de Cetobriga, pag. 58 e 59); *De antiquitatibus Lusitaniae* por André de Resende (Evora, 1593, fl. 196); *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, t. VII, n.º 1, pag. 10.

Cette — villa, conc. de Paredes. — Grande convento de frades, eremitas de Santo Agostinho, fund. por dois mouros convertidos, *Muzara e Zamora*, em 882; reedif. em 967 por D. Gonçalo Vasques. — *O Seculo* n.º 5287; *Archeol. Port.*, III, n.ºs 7 e 8.

Cezár ou **Cesár** — freg., conc. de Oliveira de Azemeis. — Vestígios de uma torre e alicerces de construções pre-romanas. — Igreja matriz reedificada nos fins do sec. XVII.

Cezimbra — villa e concelho. — Duas fortalezas, uma dentro da villa e outra fóra, restauradas em 1648. — Igreja de *Santa Maria* ou *N. S.ª da Consolação* ou *do Castello*, edificada em 1166. — Palácio dos duques d'Aveiro. — Convento de frades dominicos fund. por Estevão Esteves e sua mulher Maria Lourenço. — Sanctuario de *N. S.ª do Cabo* (de Espichel). As paredes interiores da igreja são revestidas de azulejos. Em frente da porta da ermida da *Memoria* ha uma pedra lavrada e apainelada, com inscripção. — *Occidente*, VII, 219; *Pelourinho* (*Occidente*, XIII, 218); *Quatorze horas em Cezimbra* (*Occidente*, XV, 207); *Castello de Cezimbra* por Delfim de Almeida (*Revista illustrada*, 1890, pag. 83); *Archeol. Portug.*, III, n.ºs 1 e 2.

Chacim — villa e concelho. — Convento de frades marianos fund. em 1750 por um frade polaco junto á ermida de *Balsemão*, a qual foi primitivamente mesquita de mouros (?). — Junto ao convento, vestígios de fortes muralhas. — *Archeol. Portug.*, III, n.ºs 7 e 8.

Chamoim — freg., conc. de Terras do Bouro. — Marcos milliares, n.ºm dos quaes é legivel parte da inscripção. — Cruzeiro formado por uma columna de granito mal lavrado e que tambem foi marco milliar. — *O Minho Pittoresco*, t. I, 431; *Archeol. Port.*, III, n.ºs 7, 8 e 12.

Chamusca — villa e concelho. — Misericórdia e hospital fund. em 1740 por Francisco Sutil, nat. d'esta villa. — Convento de frades franciscanos. — *Descrição da Chamusca*, parte primeira. Por Francisco José de Andrade (Lisboa, 1769).

Chan ou **S. Vicente da Chan** — freg., conc. de Montalegre. — Matriz edific. no X ou XII seculo, e reedif. no principio do actual; tem no adro a pia de baptismo e o frontispicio ornado com figuras e arabescos; pertenceu ao mosteiro de S. Vicente da Chan, primeiramente de templarios e depois annexado ao convento de freiras de Santa Clara de Villa do Conde.

Chancellaria — villa, conc. de Alter do Chão. — Magnifica ponte de seis arcos, toda de cantaria, chamada *Ponte de Villa Formosa*, sob a qual passa o rio *Sêda*.

Charneca — freg., conc. de Lisboa. — Igreja de S. Bartholomeu fund. em 1685.

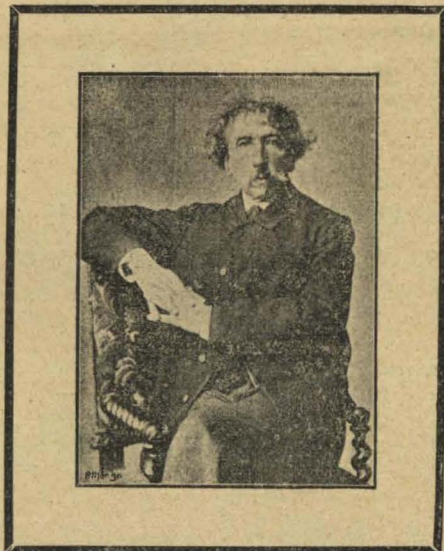
Charrama ou **Xarrama** — rio do Alemtejo. — Houve na margem d'este rio proximo á villa do

Torrão um templo romano dedicado a Jupiter Olympico. «Os duques de Bragança o demoliram para com as suas bellas pedras fazerem conventos em Villa Viçosa.»

Chavão — freg., conc. de Barcellos. — Igreja matriz muito antiga.

(Continua)

CHARLES GARNIER



Meus Senhores : — Aproveito a primeira reunião que esta Associação celebra apoz o periodo das ferias para participar á assembléa o fallecimento do eminente architecto francez, nosso socio correspondente, Mr. Charles Garnier, um dos mais gloriosos artistas não só da França mas do mundo inteiro.

Nascido em Paris em 1825, foi um dos mais brilhantes alumnos d'essa Escola de Bellas-Artes que tão illustres artistas tem produzido, e da qual eu me vanglorio de ter sido tambem alumno, embora o mais insignificante e humilde.

Em 1848, na idade de 23 annos apenas, foi nomeado «*Grand prix de Rome*», e, entre os trabalhos que executou como pensionista do estado, figura a «*Restauração do Templo de Jupiter Panhellenico*» na ilha de Egina.

Essa admiravel reconstituição do grandioso templo, acabou de confirmar a theoria da polychromia dos edificios gregos, provando d'uma maneira definitiva e irrecusavel que os artistas hellenos pintavam com côres brilhantes e sabiamente distribuidas todas as partes componentes dos seus edificios, dando-lhes assim um extraordinario realce e augmentando a sua ideal belleza.

Ficou d'este modo corroborada a doutrina tão ousadamente adoptada pelo architecto Hittorf na sua restauração do templo collossal de Jupiter Olympico de Agrigente que elle reconstituiu, e onde um homem se pode abrigar perfeitamente na cannellura d'uma columna, e completadas e aproveitadas para a historia d'arte as observações dos vestigios de coloração feitas por Stuart no templo de Theseu, por Stackelberg no templo de Apollo Piedoso em Bassæ, por Wagner e Schelling no proprio templo de Égina, or Quatremère de Quincy nos auctores antigos.

Em 1860 Garnier sahe victorioso no concurso aberto pelo governo francez para o projecto do novo edificio da Grande Opera em que tinham entrado 171 concorrentes com 700 desenhos; e, rodeado dos mais eminentes artistas da França, começou desde logo os estudos d'este grandioso edificio, o mais bello e completo de todos os monumentos contemporaneos. Para dar uma ideia do que fossem esses estudos bastará dizer que em 1866 os desenhos que figuravam as plantas, cortes, alçados e detalhes do edificio em diversas escalas até ao tamanho da execução, attingiam o numero prodigioso de trinta e seis mil folhas de papel, formato *Grand Aigle*, representando um comprimento de trinta e tres kilometros!

Isto é bom dizer-se n'um paiz onde os ministros das obras publicas declaram, como me teem declarado a mim, que depois d'um projecto de concurso feito por um architecto, se pode dispensar o mesmo e confiar a sua execução aos mestres d'obras.

Depois da construcção d'este edificio a reputação de Charles Garnier tornou-se universal. Muitas outras construcções honram porém a sua memoria; taes como o Panorama de Paris, o Circulo da Livraria, o observatorio de Nice, o theatro de Monte-Carlo, o Casino de Vitel, a igreja de Bordighera, varias casas e tumulos interessantissimos, etc.; e na Exposição Universal de Paris a reconstituição da *Habitação humana atravez dos seculos*, que era um dos espectaculos mais curiosos d'essa exposição.

Apesar dos seus longos estudos da architectura classica, Charles Garnier era um artista independente e conseguira crear um estylo pessoal, typico e inconfundivel, que exerceu uma consideravel influencia na architectura moderna.

Aos seus predicaos de artista juntava as mais preciosas qualidades de um delicado poeta satyrico, temperado pela extrema bondade de seu coração, as de um brilhante orador cheio de *verve* e de espirito parisiense, as de um escriptor correcto e elegantissimo e de um archeologo erudito.

Conquistou em França as mais altas funcções e no estrangeiro as maiores honras; assim elle era membro do Instituto de França, Commendador da

Legião d'Honra, Vice-Presidente do Conselho dos Edificios Civis, Presidente da Sociedade Central dos Architectos, e alcançara a medalha d'honra da Sociedade de Bellas-Artes, a grande medalha d'ouro do Instituto dos Architectos Britannicos, etc., etc.

Representando a sua morte uma grande perda para a humanidade e uma perda enorme para a arte, proponho que esta Associação envie uma mensagem de sentimento por este acontecimento á Academia de Bellas-Artes, de que elle era decano, e outra á Sociedade Central d'Architectos, de que elle era illustre presidente.

Lisboa, Sala das Sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 20 de Outubro de 1898.

A. R. Adães Bermudes.

MONUMENTOS ARCHEOLOGICOS DE CHELLAS

Apontamentos para o catalogo descriptivo dos existentes no Museu do Carmo

Encarregado na sessão de 4 de agosto de 1898, pelo Ex.^{mo} Sr. Presidente d'esta Real Associação de descrever os objectos, que tinham estado em dependencias do extincto mosteiro de Chellas, e haviam sido cedidos pela Secretaria de estado dos negocios da guerra, em officio de 22 de junho do mesmo anno, para o Museu Archeologico do Carmo, procurei desempenhar-me d'este honroso encargo, convencido todavia de que esta incumbencia devia ter sido concedida a outro nosso Consocio, competente para fazer uma *noticia historica d'esses objectos*, conforme declara a acta da sessão.

Enfim cumprindo um dever, cumpre-me tambem dizer que a prejudicada é a Associação, porque só posso apresentar apontamentos para o catalogo descriptivo dos mesmos objectos.

Os objectos cedidos ao Museu e designados no referido officio são: «Uma pedra com inscripção, uma com um pégaso e um grypho e uma outra esquartelada, todas existentes na parede do quintal da sacristia do extincto convento de Chellas... Uma pedra que figura tres leões devorando palmas, tres capiteis de pedra e uma pedra com lavôres existentes n'uma arrecadação do mesmo convento... E treze quadros de azulejo».

Portanto são cinco pedras diversas e tres capiteis (aliás cinco).

Começarei os apontamentos para a descripção d'estes monumentos, padrões historicos da arte au-

tiga, dividindo-os, e collocando-os nas epochas, ás quaes se verifica, elles deverem pertencer.

Sobre as antiguidades de Chellas, encontradas pelas diversas reconstrucções feitas no mosteiro, muito ha publicado por diversos Escriptores, e um nosso erudito Consocio, já fallecido, o Sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, no *Archivo Pittoresco*, Vol. VII, de 1864, publicou uma bem desenvolvida memoria sob o titulo, *Fragmentos de um roteiro de Lisboa* (inédito).

I

Uma pedra com inscripção.

Monumento epigraphico romano, medindo 1^m,10 em altura, 0^m,54 de largura e 0,29 de grossura. A inscripção occupa a parte superior 0^m,40 e a parte completamente liza 0^m,70.

Foi encontrada na reconstrucção do templo por occasião das obras mandadas executar pela ordem nos annos de 1603 e 1604, sendo prioreza D. Luiza de Noronha, e arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro. Estava enterrada por traz da capella-mór a pouca profundidade, e cobria uma sepultura.

Luiz Marinho de Azevedo, na *Fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa*, L.^o II, Cap. VI, publica a inscripção:

IVLIA. Q. F. F. V.
Q. IVLIVS. Q. F. C.
SEVERVS
H. S. SVNT.

«Cuja significação é. Aqui estão sepultados, Julia Flaminea Vestal, filha de Quinto, e Quinto Julio, filho de Quinto, e Caio Severo. Mais letras parece, que a pedra tinha, que por estar quebrada se não podem ler, e esta foi a que deu occasião para escrever-se sobre o altar de S. Adrião, que era cippo de Julia Flaminea a qual, com outros seus irmãos, estava n'ella sepultada.»

Vilhena Barbosa no *Arch. Pit.*, Vol. VII, diz: «O cippo de Julia Flaminea, ... acha-se na parede do quintal da sacristia. É uma pedra de marmore de seis palmos de comprido e tres de largo; porém mostra estar partida, faltando-lhe algumas letras. Aqui lhe damos logar, conforme a copiou o nosso desenhador:

VLIA QFVI
Q IVLIVS QFC
SEVERVS
HS SVN

«Posta por extenso deve ler-se, **ao que parece**, da seguinte maneira: *Julia Quinti Filia*

Flamen Vestalis Julii, Quintus Julius Quinti Filii, Caius Severus Hic Sepulti Sunt. E em vulgar: Aqui estão sepultados Julia Flaminea, Vestal, filha de Quinto Julio, Quinto Julio filho de Quinto, e Caio Severo. Faltam n'esta inscripção, por se acharem apagadas, a primeira letra do nome de *Julia*, e a ultima do verbo *sunt*. No fim da primeira linha tambem estão gastas uma ou duas letras.»

A existencia em Chellas de um templo dedicado á deusa Vesta, habitado e servido por virgens vestaes, foi negada por Fr. Luiz de Sousa na *Historia de S. Domingos*, Parte I, Cap. XXIII, e posta tambem em duvida pelo Dr. Fr. Antonio Brandão na *Monarchia Lusitana*, Parte III, Cap. XXXVI, e por D. Rodrigo da Cunha na *Historia ecclesiastica da igreja de Lisboa*, Parte II, Cap. XXXVIII.

Ultimamente Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, na sua *Revista Archeologica*, Vol. IV, de 1890, descrevendo as *Antiguidades romanas de Chellas*, publica a inscripção, nova leitura e considerações:

IVLIA · Q · F FVN dana
Q · IVLIVS · Q · F · C al.
S E V E R V S
H · S · S V N T

«*Julia Q, f (ilia) Fun (dana). | Q. Iulius Q. f(ilius), G[al(eria tribu)], Severus | h(ic) s(iti) sunt.*

«As ultimas letras da primeira linha, unicas que nunca foram bem lidas, são indubitavelmente FVN; a pedra partiu pela haste obliqua do N parecendo esta letra um I a olhos inexperientes; mas qualquer que examinar a pedra, reconhecerá claramente o que fica apontado.»

Será pois esta ultima interpretação a que mais probabilidade terá.

Vilhena Barbosa hesitou na leitura de Marinho de Azevedo, pelo que disse «deve ler-se ao que parece».

O exame actual da inscripção na lagea dá o seguinte:

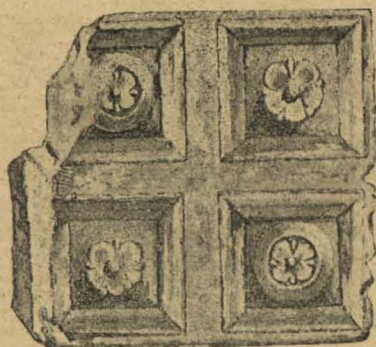
VLIAQFVI
QIVLIVSQFC
SEVERVS
HS SVNT

E se verifica, não se poder bem determinar, que as ultimas duas letras da primeira linha tivessem sido exactamente VN, pelo mau estado da pedra n'este ponto.

II

Uma pedra esquartelada.

Esta escultura é de epocha romana, e devia ter sido peça de tecto de um peristilo.



Mede 0^m,81 × 0^m,78 a superficie esculpturada, e a grossura entre 0^m,25 e 0^m,28.

Marinho de Azevedo e Vilhena Barbosa *l. c.* quasi a descreveram da mesma maneira: «É guardada de moldura e esquartelada, tendo em dois quadrados duas rosas ou florões, e nos outros dois um lavôr espherico a modo de botão.

Borges de Figueiredo tambem a descreveu na *Rev. Arch.*, Vol. IV, pag. 30.

A arte d'esta escultura é correcta. A molduragem esquartelada fórma quatro quadrados, tendo dois oppostos nos centros, em alto relêvo, florões quinqüefoliados com um enfeite espherico no meio; os outros dois florões são semelhantes, mas em ponto reduzido, e com a differença de terem quatro folhas, e estarem dentro de uma moldura circular igual á molduragem dos quatro quadrados, e estes dois relêvos dão approximadamente a fórma de um botão lavrado.

Esta pedra era effectivamente peça de um tecto, e tanto assim que a grossura em dois lados oppostos está em esquadria com a face, e nos outros dois lados é chanfrada da face para o tardo, tendo por tanto o tardo maior superficie; circumstancias estas, que não podiam ser attendidas pelos Escriptores citados, porque só viram a pedra assente na alvenaria da parede.

Uma das inscrições existentes na egreja de Chellas, mandadas collocar pelo arcebispo D. Miguel de Castro em 1604, faz referencia a esta pedra como sendo as *armas de el-rei Wamba*; porém

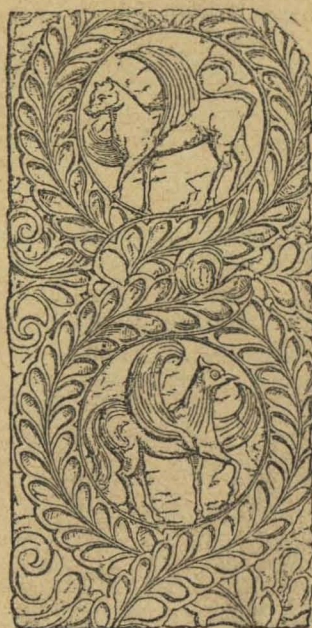
Marinho de Azevedo, na *Fund. de Lisboa*, L.^o IV, Cap. X, ignorou o fundamento (e com razão) de tal referencia.

Vilhena Barbosa no *Arch. Pit.* e Pinho Leal no *Portugal antigo e moderno*, Vol. II, *Chellas*, alludem tambem ás armas do rei Wamba.

III

Uma pedra com um pégaso e um grypho.

E' este monumento archeologico uma parte de um pilar, porque em todas as quatro faces se repetem os mesmos ornatos; observando-se porém, que só em uma se acham completos os dois circulos de folhagem, nas outras tres faces ha faltas pelas lascas quebradas na pedra.



Suas dimensões são: altura 0^m,96, largura 0^m,43 e grossura 0^m,42.

Marinho de Azevedo faz menção d'esta pedra no L.^o III, Cap. VIII, como sendo do tempo dos romanos, tendo ella, quando foi encontrada, seis palmos com tres cícculos.

Vilhena Barbosa, *l. c.* diz: «Pelo gosto do desenho, e por certa perfeição do trabalho, é inquestionavelmente obra dos romanos. Este genero de ornatos era muito usado nos frisos dos edificios romanos, sobre tudo nos templos, alternando-se aquellas ou outras figuras em toda a extensão do friso... Parece-nos ser a referida pedra fragmento de intercolumnio, ou de outro qualquer ornamento collocado ao alto, attenta a posição dos dois animaes fabulosos que alli figuram».

Borges de Figueiredo, *l. c.*, julgou esta escultura, como não sendo trabalho romano, e entendeu que tinha sido «destinada a constituir só pelo relêvo a ornamentação d'uma pilastra».

As conjecturas dos dois ultimos Escriptores, na apreciação do destino da pedra, foram bem fundadas, porque só viram a face em melhor estado, ignorando os lavôres eguaes das outras tres, e julgando-as lizas.

Esta pedra merece ser limpa da argamassa, e collocada de maneira que possam ser examinadas as quatro faces, e então se verá, que os fabulosos animaes respresentados são dois gryphos, pois que as cabeças em ambos, tendo cristas ou orelhas, teem bem pronunciados os bicos de aguia. A differença que se nota é um grypho ter a cauda peñdida e outro levantada.

A respeito d'este fabuloso animal, suas formas e historia, consulte-se o *Dic. des antiquités grec. et rom.*, de Daremberg, Fasc. 22, *Griphus*.

IV

Uma pedra que figura tres leões devorando palmas.

Esta pedra é parte de um friso, e a epocha da sua arte pôde muito bem ser attribuida á do pilar, e talvez tivessem pertencido ao mesmo edificio.



Mede na frente lavrada em comprimento 0^m,63, largura e grossura da pedra 0^m,30.

Vilhena Barbosa, *l. c.*, descreveu-a: «E' provavelmente, fragmento de um friso cujos lavôres são em relêvo. A esculptura mostra ser menos perfeita do que a do outro fragmento em que apparecem o grypho e pégaso, e por consequinte de uma epocha de decadência para as artes. Comtudo cremos que é obra romana».

Borges de Figueiredo, *l. c.*, também a considera como friso, havendo grande relação de trabalho entre elle e o da pedra do grypho, suppondo que tivessem sido obras do mesmo artista. Entendeu porém, que estes dois monumentos não eram romanos, mas sim romanicos.

V

Uma pedra com lavôres.

Esta pedra de superficie oval mede no maior diametro 0^m,40 e no menor 0^m,32, e tem em relêvo a cruz de S. João de Jerusalem da ordem dos Hospitaleiros.

Fr. Luiz de Sousa na *Hist. de S. Domingos*, Parte I, L.º I, Cap. XXIII, refere, que depois da tomada de Lisboa aos mouros em 1147, fôra cedida por D. Affonso Henriques a egreja de Chellas aos cavalleiros da ordem de S. João de Jerusalem do Hospital.

Fr. Lucas de S. Catharina nas *Mem. da ord. milit. de S. João de Malta*, pag. 280, também diz: «que restaurada finalmente Lisboa, é dada a egreja de Chellas á ordem Hospitalaria, a occupou desde 1147 até 1219».

Fr. Antonio Brandão na *Monarchia Lusit.*, Parte III, L.º X, Cap. XXXVI, e D. Rodrigo da Cunha na *Hist. eccl. de Lisboa*, Parte II, Cap. XXXVIII, hesitaram, sobre quaes teriam sido os primeiros habitantes do mosteiro de Chellas depois da conquista de Lisboa aos mouros.

José Anastacio de Figueiredo na sua *Nova Hist. da mil. ord. de Malta*, Parte I, pag. 59 e seg. diz, que o mosteiro de Chellas nunca pertenceu á ordem do Hospital, porque não encontrou documentos, que tal provasse.

Deixando esta parte da historia do mosteiro de Chellas, ainda não bem averiguada no principio da monarchia, cumpre mencionar a pedra pela sua antiguidade.

Encontram-se pedras de superficie circular, quadrada e oitavada, tendo em relêvo cruzes de diferentes feitios e outros symbolos.

Estas pedras assentes nas naves de egrejas antigas designam a consagração dos templos, e quando dispersas eram destinadas a indicar as cabeceiras das sepulturas de christãos. e algumas teem além da parte circular uma outra parte, que era enterrada, ficando só a circular sobre o solo. Vide *O Archeologo Português*, Vol. I, pag. 280, e Vol. IV, pag. 121.

Visitando ha annos, no concelho de Azambuja, o lugar de Aveiras de Cima, municipio fundado por D. Sancho I, sube que, no terreno junto da sua arruinada egreja, o qual tinha sido cemiterio antigo da freguezia, tinham apparecido pedras redondas com cruzes, e vi algumas, as quaes se achavam no lageado do chão atraz do altar mór, e entre ellas uma com o signo-saimão.

VI

AS RUINAS DO CARMO

Os capiteis são tres simples (um em muito mau estado de conservação) e um duplo.

Estes capiteis proveem da reconstrucção do mosteiro de Chellas nos primeiros tempos da monarchia portugueza. A rudeza do trabalho da sua ornamentação, folhas rematando em flores, mostra ser obra do seculo XII ou mais appropriadamente do seculo XIII.

A parte inferior circular mede uns 0^m,18 de diametro, a parte superior quadrada de 0^m,27 a 0^m,32 de face, medidas approximadas pelo mau estado em que se acham.

Fr. Luiz de Sousa na *Hist. de S. Domingos*, Parte I, L.º I, Cap. XXIII, Brandão na *Monarchia Lusit.*, Parte III, L.º X, Cap. XXXVI, e D. Rodrigo da Cunha na *Hist. eccl. de Lisboa*, Parte II, Cap. XXXVIII, concordam, que, conquistada Lisboa aos mouros em 1147, D. Affonso Henriques mandou purificar a igreja de Chellas e proceder a obras. Porém as obras ordenadas por D. Affonso I, deveriam ser de pouca importancia, assim o podemos julgar pelo seu genio guerreiro e empenho de conquistas sobre os mouros, e tambem porque, logo no reinado seguinte, de seu filho D. Sancho I, o bispo de Lisboa, D. Sueiro Annes mandou reconstruir o mosteiro, e então poder-se-ha determinar que os capiteis são provenientes d'esta reconstrucção.

Não deviam ser n'este lugar descriptos, sob o titulo de *monumentos archeologicos*, os quinze quadros de azulejo vindos de Chellas, porque não pertencem á Archeologia, e só como productos artisticos devem ser considerados; mas sendo elles provenientes da mesma remessa dos objectos historicos antigos, com os quaes deram entrada no Museu do Carmo, por isso entendi incluil-os nos apontamentos para o catalogo de todos esses objectos.

Os azulejos, nas duas côres azul e branca, são do seculo XVIII, e pôde-se bem dizer, que foram collocados na occasião das obras feitas em 1736 e 1737, para reparar os estragos do terremoto.

Quatorze paineis representam os passos da Paixão de Jesus Christo. E' de bom desenho e de bom effeito a ornamentação d'estes paineis no proprio azulejo.

Um painel representa o Archanjo S. Miguel com a espada de fogo expulsando do Céu e precipitando no abysmo o anjo mau acorrentado, sob a forma de dragão com cabeça humana.

J. J. Ascensão Valdez.

Museu archeologico

Acham se terminadas as obras ultimamente realisadas no local onde em tempos existia a formosa igreja do Carmo, construcção que foi um prodigio de arrojo e de fê, e cuja realisação consubstancia o voto solemne da mais luminosa individualidade portugueza que tem produzido o lusitano torrão.

D'essa maravilhosa e soberba igreja, ultimo e suavissimo refugio do inclito varão e santo condestavel Nuno Alvares Pereira, restam apenas as ruinas; — ruinas pittorescas e interessantissimas que, da culminancia em que se encontram, parecem saudar n'um desvanecimento de amiga intelligencia os restos do castello de S. Jorge, que lhes ficam fronteiros, e onde o sangue portuguez correu, generosa e patrioticamente, como tributo de posse pago pelo valor nacional á causa da independencia patria.

A posse d'esse profanado padrão de ousadia emocionante, valor e patriotismo de Martin Moniz, foi um dos factos mais gloriosos da historia portugueza, circumstancia que não impediu que o camartello demolidor, symbolo de criminosas ousadias d'este seculo de positivismo cruel, incidisse descaradamente sobre as muralhas d'esse respeitavel baluarte, transformando-as em alvenarias de vistosos casebres que irrisoriamente flanqueiam com a sua banalidade ridicula a vetusta magestade d'esse grande monumento do valor portuguez, bem digno de melhor sorte!

Esses dois padrões de valor e crença, se para a honra nacional figuram em igual valorisação, para o decôro portuguez dos ultimos tempos constituem documentos de significação diametralmente opposta pelos destinos que a iniciativa nacional lhes deu.

Emquanto as muralhas do castello de S. Jorge derruiam sob o vandalismo municipal, sendo assim cruelmente destroçados e reduzidos a uma forçada ruina, os restos da igreja do Carmo eram amavelmente preservados pela dedicação benemerita de meia duzia de verdadeiros portuguezes, que, n'um movimento patriotico e salvador, envidam todos os esforços para os disputar corajosamente ao uso fructo dos quadrupedes da municipal, e ao destino de estremeira a que haviam sido destinados!

Um, transformado proposital e vandalicamente em ruinas, outro, salvo, n'um louvavel esforço de respeito, de desaparecer por completo. Tratemos por agora, exclusivamente, do ultimo.

As conhecidas ruinas do Carmo servem, desde

ha bastantes annos, de receptaculo aos restos monumentaes, archeologicos e artisticos que têm apparecido por varios pontos do paiz; têm sido até ha pouco tempo este precioso peculio de antiguidades portuguezas, o nosso unico museu archeologico; — ultimamente, ha poucos annos ainda, a iniciativa de alguns verdadeiramente dedicados ao culto dos padrões de arte e tradição nacionaes, produziu os seus salutaes effeitos, promovendo a organização de museus municipaes, por varios pontos do paiz, transformando-se d'esse modo o culto, que era privativo de pequeno numero de dedicados, n'um verdadeiro e louvavel culto nacional, a ponto de a iniciativa official a secundar fundando o Museu Ethnologico Portuguez cujos serviços ás tradições portuguezas são já muito relevantes.

E', porém, indubitavel que o direito de prioridade da organização do primeiro Museu Archeologico regularmente organizado, pertence indisputadamente á pleiade de benemeritos que com Possidonio da Silva á frente o estabeleceram nas ruinas da igreja do Carmo.

Luctando contra a indifferença de muitos, falho por completo de auxilios officiaes, esse pequeno grupo organisador conseguiu, n'um sincero labor de muitos annos, sustentar e augmentar esse museu que tão honrosa e espontaneamente creára. A Real Associação de Archeologos e Architectos Civis Portuguezes continuou custeando com provado zêlo e dedicação esse nucleo de preciosidades monumentaes, fazendo dia a dia acquisições que em pouco tempo transformaram as preciosas e monumentaes ruinas do Carmo, n'um ponto de convergencia de todos os estudiosos, tal era o valor do museu que dentro d'ellas e á custa de muitos esforços se havia organizado. Ultimamente reconheceu-se que a instalação do museu carecia de reformas fundamentaes, a fim de dar nova ordem e disposição aos importantes e valiosos objectos de valor artistico ou archeologico que de todos os pontos do paiz lhe têm sido offerecidos.

As forças do cofre associativo não permittiam, porém, as inevitaveis e importantes despezas que esse facto occasionava, e por esse motivo, o sr. conde de S. Januario, presidente da benemerita associação que tem a seu cargo o Museu, interpretando os desejos de todos os socios e pondo espontaneamente ao serviço do engrandecimento do Museu toda a sua boa vontade, todos os seus merecimentos e valimento pessoal, solicitou do então ministro das obras publicas, o sr. Augusto José da Cunha, o auxilio necessario para que se realisassem as obras no Museu.

A boa vontade d'esse benemerito ministro secundou com uma espontaneidade captivante os de-

sejos de todos, approvando uma verba importante para parte das obras a realisar.

Reconhecendo o alto serviço prestado pelo ministro ás tradições nacionaes, o director da extincta direcção dos edificios publicos, o sr. Mendes Guerreiro, tratou de desempenhar com inexcédível zêlo e dedicação os desejos em que tantos andavam empenhados, diminuindo todos os attritos que se oppozessem ao desejado melhoramento e concorrendo com os seus informes, para que as obras continuassem sem interrupção. A todos esses benemeritos collaboradores pagou a associação a divida de reconhecimento que contrahira, proclamando os seus socios benemeritos.

Concluíram-se, pois, as primeiras obras solicitadas para a conveniente instalação do Museu, restando agora, para complemento dos justos desejos associativos, mais algumas de somenos importancia, destinadas a tornar accessiveis aos visitantes do Museu e ruinas do Carmo, os terraços da capella-mór, d'onde se disfructa o mais extraordinario e privilegiado ponto de vista de Lisboa.

Actualmente, findas as obras, o Museu está a todos os respeitos á altura de uma capital, apresentando, principalmente no grande ramo de arte nacional applicada á pintura ceramica nos azulejos, magnificos exemplares dignos de serem vistos e apreciados.

São dignos dos maiores encomios todos os que se têm esforçado para que Lisboa possua um museu archeologico á altura dos melhores da Europa.

(O Economista — 16 de outubro de 1898.)

CORRESPONDENCIA

EXTRACTO DOS OFFICIOS ENVIADOS Á COMMISSÃO
QUE A REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E
ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES
ENCARREGOU DE REDIGIR A REPRESENTAÇÃO AO GOVERNO
Á CERCA DOS MONUMENTOS NACIONAES

(Continuação dos n.º 1 e 2)

O sr. Joaquim de Vargas, bibliothecario e conservador do Museu de Beja, em officio de 29 de janeiro, adhire ao pensamento da circular e a toda e qualquer deliberação tendente a obter dos poderes publicos protecção efficaz para as venerandas reliquias das nossas glorias e grandezas passadas, e diz que os monumentos de Beja merecem e devem ser respeitosamente conservados.

Da celebre Pax Julia, nada ha que mostre a sua

magnificencia e grandeza, senão os valiosos fragmentos de columnas, porticos e monumentos; os restos mutilados de thermas e canalisação d'agua; as formosíssimas collecções d'azulejos, mosaicos e epigraphia, etc., existentes no Museu a seu cargo.

D'aquellas remotas eras, apenas as portas da muralha reedificada por D. Afonso IV, resistiram á furia do tempo e á insensatez dos homens.

Do principio da monarchia, edificado, segundo a tradição, no mesmo lugar em que se feriu uma batalha contra os sarracenos, e em memoria d'ella, existe proximo ao cemiterio publico o pequeno templo de Santo André, de ha muito abandonado: ora este historico e vetusto templo pôde sem grande dispendio ser restaurado e aproveitar-se para capella do cemiterio, que não a tem.

Da primeira dynastia existe o castello, torre de menagem e as ruínas do palacio de D. Diniz (?), carecendo a varanda da torre de alguns reparos, por causa d'uma descarga electrica que a destruiu ha annos.

Sobre o antigo e sumptuoso mosteiro da Conceição e paço dos Infantes, apenas se vê o sitio em que esteve edificado este ultimo e d'aquelle quasi nada existe.

No quartel d'infanteria 17, antigo convento de S. Francisco, existe na outr'ora capella dos tumulos, uma formosa janella que pela sua extraordinaria belleza merecia os pequenos reparos de que carece.

Objectos d'arte ornamental ha já alli muitos, e de inestimavel valor, mas esses pertencem quasi todos a particulares.

*
*
*

O sr. conde de Samodães, Presidente da Associação Catholica do Porto, em officio de 31 de janeiro, accusa a recepção da nossa circular e applaude com vivo interesse o empenho em que se encontra a nossa Associação.

Faz varias considerações muito sensatas a respeito do vandalismo com que tem sido tratados alguns monumentos nacionaes d'aquella cidade e diz que lhe consta tratar-se de destruir a igreja de Cedofeita. Não é a elegancia que a recommenda, mas a sua antiguidade e o que representa para a historia d'aquella cidade.

Destruiu-se ha tempos uma capella ao Postigo do Sol, que tinha tambem uma recordação honrosa.

Ainda por alli ha inscrições que cumpre não apagar.

As cidades modernas como são essas amplissimas que por encanto se levantam nos paizes novos, não tem tradições a guardar, mas uma cidade histo-

rica como é o Porto que tem perdido muito, não deve sujeitar-se a ver desaparecer o resto.

A nobreza, quanto mais antiga, melhor vale, e o Porto é anterior á fundação da monarchia e deve conservar os seus pergaminhos.

Em breve estará sem dona a igreja de Santa Clara e convem não deixal-a condemnar como succedeu á de S. Bento.

Estão salvas, ao que parece, a igreja de S. Bento da Victoria, entregue a uma zelosa confraria; a de S. Francisco, confiada á Ordem Terceira; a dos Grillos, entregue ao Seminario episcopal; a dos Congregados, concedida a uma devota corporação; a dos Carmelitas e S. João Novo, administradas por outras agremiações.

Ainda mal, estão apodrecendo excellentes quadros em uma galeria humida e arruinada do extinto mosteiro de Santo Antonio, propriedade do Estado, mas votado ao abandono.

S. ex.^a elogia a nossa iniciativa e faz votos para que os nossos desejos não se reduzam a meras aspirações, mas se traduzam em obras.

* * *

O sr. José Pinto da Silva Ventura, socio correspondente, enviou a esta Real Associação (officio de 4 de fevereiro), uma photographia da igreja do mosteiro de Pedroso. Lamenta que aquellas venerandas paredes, que alli se conservam de pé durante tantos seculos, arrostando a inclemencia do tempo, soffressem uma demão de agua e cal.

Sobre este assumpto s. ex.^a faz muito justas e severas considerações.

O mesmo senhor, em officio de 11 de fevereiro, e ainda ácerca da nossa circular de 28 de novembro, proporciona-nos importantes esclarecimentos.

Diz que no concelho da Feira poucos monumentos ha, apesar de ser a antiga Terra da Feira conhecida, nas velhas chronicas e historia medieval, por Terra de Santa Maria, e muito importante por n'ella haver bastantes Infanções e ser a sua área assaz extensa.

Houve, é certo, n'aquella área varios mosteiros notaveis, tendo uns cahido em ruínas, não restando d'elles mais do que a memoria e outros ainda se conservam; porém no actual concelho da Feira só existe o convento da villa com uma sumptuosa igreja. Não existem mais templos notaveis, a não ser a pequena igreja da freguezia de Riomião que é muito antiga, havendo uma tradição de que pertenceu aos Templarios. Restam umas paredes antigas, *enxertadas* nas novas, que lhes encostaram, n'uma ampliação que lhe fizeram ha pouco, sendo por essa occasião tapado um arco que havia exteriormente

na parede do lado do sul e em que estava uma sepultura. Este arco mostra a antiguidade d'esta igreja, pois não se permittiam os enterramentos dentro dos templos, primitivamente, como se vê do cap. 36 do primeiro concilio bracarense: «Aprove além d'isto que os corpos dos defuntos em nenhum modo se sepultem dentro nas igrejas dos Santos, mas quando fôr necessario, da parte de fóra, junto ao muro da igreja, onde não é tanto de estranhar, pois que se as cidades até nossos tempos guardam firmissimamente este privilegio, que do circuito de seus muros a dentro se não sepulte o corpo de qualquer defuncto em nenhum modo, quanto mais o deve ter a reverencia dos martyres veneraveis.»

O que ha mais notavel é o castello da Feira; a fundação d'este monumento, digno de admiração e respeito, por ser uma das reliquias mais preciosas que existem de edificios d'este genero, perde-se na escuridão dos tempos passados e não temos memoria alguma escripta pela qual se possa affirmar, com certeza, quaes os povos que alli fizeram uma obra tão perduravel.

* *

O socio correspondente sr. Luiz de Figueiredo da Guerra, de Vianna, em officio de 22 de fevereiro, refere-se elogiosamente á nossa circular e envia memorias dos tres edificios mais notaveis do districto, taes são:

Matriz da villa de Caminha;

Egreja de Bravães, na Ponte da Barca;

Egreja de S. Claudio, no concelho de Vianna.

Diz-nos o nosso consocio que está organisando monographias sobre a architectura militar e civil medieval, especialmente sobre *torres e solares*.

* *

O sr. Antonio José Baptista, presidente da camara municipal de Setubal, em officio de 25 de fevereiro, louva o empenho da nossa Real Associação em tratar da conservação dos monumentos nacionaes.

Lembra a necessidade de se reparar a fachada da igreja de Jesus, d'aquella cidade, edificio notavel pela sua importancia historica, cuja construção foi dirigida por Boitaca, o insigne architecto do mosteiro de Santa Maria de Belem.

* *

O revd.º sr. Joaquim José F. de Faria e Silva, mestre-escola da Sé d'Evora, officia nos d'esta cidade em 25 de fevereiro, referindo-se á nossa

circular em termos que muito penhoram esta Real Associação.

Não pôde deixar de applaudir o pensamento e o digno esforço empenhado para salvaguardar essas reliquias venerandas, esses padrões da nossa gloria e até os monumentos da nossa fé, tudo o que resta da acção destruidora do tempo e — o que mais é — do camartello demolidor do vandalismo.

Diz-nos s. ex.ª rev.ª que são de todos bem conhecidos os monumentos d'Evora assim como o pessimo estado de conservação em que se encontram.

* *

O sr. Antonio Ramalho Junior, presidente do Gremio Artistico, em officio de 4 de março, envia nos copia de alguns trechos d'uma carta do sr. Julio Cesar Bizarro, nosso digno consocio, e dedicado professor e director da escola industrial *Domingos Sequeira*, de Leiria, relativamente a uma construção romana ha pouco descoberta a um kilometro d'aquella cidade.

O sr. Ramalho Junior promette auxiliar-nos na defeza dos nossos monumentos e riquezas artisticas.

A comunicação do sr. Bizarro diz que no logar denominado Arrabalde, a um kilometro de Leiria, appareceram ruinas d'uma construção romana, n'um terreno recentemente comprado para plantação de vinha. E' para lamentar que o discernimento do seu proprietario só despertasse ao apparecimento de fragmentos de mosaico levantados pelas enxadas dos trabalhadores. Tijolos, telhas e lages de marmore, que bem se percebe estavam ainda inteiros, foram arrancados em estilhaços. As moedas encontradas desapareceram. Felizmente foi já respeitado um importante mosaico que occupa uma superficie de 10 metros. E' um mosaico rico de composição, e, facto notavel, parece pertencer a uma construção romana já do periodo christão.

* *

O benemerito governador civil do districto de Portalegre, sr. João Maria Cerqueira Machado, accusando a recepção da nossa circular, communicanos que vae adoptar providencias e dar instrucções aos administradores dos concelhos d'aquella districto no sentido da referida circular.

* *

O sr. José Eduardo Cordeiro Vinagre, presidente da commissão municipal de Estremoz, em officio de 8 de março, communicanos que os monumentos d'arte e tradição que alli existem são apenas a capella da Rainha Santa Isabel, en-

tregue a uma irmandade que d'ella trata com todo o esmero; a Torre de menagem na posse do Ministerio da Guerra; os restos do Palacio de D. Diniz, onde está estabelecido o Cellerio Commum, a cargo da camara municipal, e a Capella de S. José, no outeiro do mesmo nome, na posse do Ministerio da Guerra.

* *

O sr. Manuel Maria Portella, distincto escriptor de Setubal, em officio de 10 de março, associa-se ao pensamento da nossa circular e lembra a conveniencia de se reparar a fachada da igreja de Jesus, edificio de que se fez menção na *Noticia* mandada imprimir pela camara d'aquelle municipio em 1882, como resposta aos quesitos á mesma camara enviados pela Commissão dos Monumentos Nacionaes.

* *

O sr. Antonio Augusto de Mendonça David, presidente da camara municipal de Oleiros, em officio de 26 de março diz que não lhe consta haver n'aquelle concelho edificio algum que possa ser considerado como monumento nacional; mas, apesar d'isso, aquella camara está prompta a prestar a esta Real Associação quaesquer esclarecimentos tendentes a levar a effeito um fim tão justo e patriótico.

* *

O sr. Bartholomeu Sezinando Ribeiro Arthur, escriptor muito distincto, em officio datado de Lisboa em 28 de março, accusa a recepção da nossa circular e congratula-se pelas idéas levantadas e patrioticas que ella manifesta, associando-se do intimo d'alma a tão util resolução, prometendo fazer tudo quanto em suas forças caiba para o engrandecimento e progresso da arte nacional.

* *

O sr. Antonio Thomaz Pires, nosso digno consocio, de Elvas, em officio de 28 de março, applaude calorosamente as idéas expostas na circular d'esta Real Associação, e promete enviar-nos algumas notas acerca dos monumentos d'aquelle cidade e concelho e do estado e circumstancias especiaes em que os mesmos monumentos se encontram.

* *

O sr. João Torres Pinheiro, presidente da camara municipal de Thomar, em officio de 15 d'abril, accusa a recepção da nossa circular e tomando em

consideração o seu contheudo, presta-nos valiosas informações que muito agradecemos.

O convento de Christo, um dos monumentos de maior valor do nosso paiz e ao qual estão ligados os factos mais importantes da historia patria, precisa de promptas e grandes reparações, principalmente em alguns dos seus claustros bastante deteriorados pelas infiltrações das aguas.

A torre da igreja de S. João Baptista, unica no paiz pela sua fôrma elegante e caracteristica, está fendida em varios pontos, e se não fôr reparada, em breve teremos a lamentar a perda de uma das joias mais preciosas da architectura nacional.

* *

O sr. A. N. d'Azevedo Magalhães, presidente da camara de Villa Nova de Gaya, em officio de 16 d'abril, accusa a recepção da nossa circular e participa-nos que aquella corporação é de parecer que são dignos de conservar-se, como monumentos d'arte e de tradição, a igreja matriz de Pedroso, a capella mór da igreja parochial de Villar de Paraizo, o templo da Serra do Pilar e o do extinto mosteiro de Grijó.

* *

O revd.^o padre sr. Manuel dos Santos Torquato, presidente da junta parochial de Lervão, em officio de 26 d'abril, a que esta Real Associação já teve occasião de responder, trata da necessidade de conservar alli os objectos pertencentes ao extinto mosteiro de Lervão, entre os quaes se contam umas tribunas que fazem parte das capellas dos claustros do referido mosteiro.

* *

O sr. Joaquim de Pina Callado, governador civil do Porto, em officio de 24 de maio, teve a amabilidade de nos remetter por intermedio do seu illustre collega de Lisboa, ex.^{mo} sr. D. João d'Alarcão, os esclarecimentos que a seu pedido lhe prestaram os srs. administradores dos bairros d'aquelle cidade e dos concelhos de Amarante, Bouças, Felgueiras, Gaya, Maia, Marco de Canavezes, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel, Póvoa do Varzim, Santo Thyrsó e Villa do Conde, acerca dos monumentos d'arte e tradição a que se refere a nossa circular, informando-nos de que não ha monumento algum nos outros concelhos d'aquelle districto.

* *

O sr. Miguel Augusto de Faria Mascarenhas,

administrador do concelho d'Amaranthe, informa que n'aquelle concelho os monumentos d'arte que possam ser apontados ao culto esthetico do povo portuguez, são os seguintes:

1.º Um retabulo que se encontra na sacristia da egreja de S. Gonçalo, representando Jesus Christo preso á columna. Esta pintura é muito admirada pelos entendedores, tendo sido por alguns considerada como pertencente á escola de Murillo, mas sem duvida alguma é obra de grande mestre, embora se ignore quem fosse o seu auctor;

2.º A egreja e claustro do convento de S. Gonçalo, pela sua magnifica architectura da Renascença. A talha da egreja e sacristia de S. Pedro d'aquella villa.

Diz o sr. Mascarenhas que os monumentos a que se refere, se encontram razoavelmente conservados e que ha por todo o concelho alguns prehistoricos; como dolmens, etc., outros medievaes, como as egrejas de Freixo de Baixo, Gatão, Gondar, capella de Santa Cruz, etc., porém todos elles de valor artistico diminuto.

* *

O sr. Antonio Lopes Carneiro, administrador substituto do concelho de Bouças, faz menção de dois monumentos d'arte e de tradição existentes n'aquelle concelho — o mosteiro de Leça do Bailio, que ao presente serve de egreja parochial, e o commemorativo do desembarque de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro IV, em 1832.

O primeiro, considerado obra prima de architectura do seu tempo, é de uma feição religiosa e militar; sendo reedificado e ampliado por D. Frei Estevão Vasques Pimentel, um dos Bailios de Leça, foi concluido no anno de 1836. Está o referido mosteiro situado na freguezia de Leça do Bailio, e tem varios objectos que merecem o exame dos seus visitantes, taes como a lamina de bronze, relativa á vida, feitos e honras do seu fundador, differentes tumulos de Bailios e a magestosa pia baptismal e cruzeiro do Souto, obras mandadas fazer pelo Bailio D. Frei João Coelho. e nas quaes existem as armas dos Coelhos.

Na memoria historica do mosteiro de Leça do Bailio, escripta por Antonio do Carmo Velho de Barbosa, parcho que foi da referida freguezia, e no *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal, encontra-se desenvolvida noticia d'este monumento, sua antiguidade, seu fundador e pessoas reaes e illustres que no mesmo estiveram.

O segundo, simplesmente de tradição historica, commemora o desembarque dos 7500 bravos que acompanhavam o Sr. D. Pedro IV, e está erecto na praia de Arnosa, pertencente ás freguezias de

Lavra e de Perafita. É uma pyramide, medindo 16^m,50 de altura, assente sobre uma base de 6^m,60 tendo no apice uma estrella radiante, no centro da qual está o numero 1832, que denota a epocha do desembarque; nas quatro faces do monumento estão gravadas differentes inscrições.

Diz s. ex.ª que é lamentavel o estado em que se encontram os citados monumentos, pelo abandono a que os votaram, o que occasiona frequentemente reparos dos seus muitos visitantes.

* *

O sr. Manuel Rebello de Carvalho, administrador do concelho de Felgueiras, informa que n'aquelle concelho ha alguns monumentos que merecem ser considerados, avultando entre elles a egreja do antigo convento de Pombeiro, onde o fundador da monarchia armava seus cavalleiros;

A capella da Tocha, em Santo Adrião de Vizella, que foi visitada e que mereceu uma particular attenção ao sr. dr. Martins Sarmiento;

A egreja de S. Vicente de Souza, que em tempo foi collegiada e onde ha alguns trabalhos de merecimento artistico;

O Santuario de Santa Quiteria da freguezia de Margaride;

A capella de Sergude annexa aos pardieiros que a tradição diz serem restos do antigo solar de Egas Moniz Coelho;

A casa de Simões, da freguezia de Moure, solar dos Coelhos;

A egreja de S. Martinho de Caramos, que pertenceu ao convento dos conegos regrantes de Santo Agostinho e que foi extincto no reinado de D. João I.

* *

O sr. Antonio Ribeiro da Costa e Almeida Junior, administrador do concelho de Gaya, menciona os seguintes monumentos:

Egreja parochial da freguezia de Pedroso;

Capella-mór da egreja parochial da freguezia de Villar de Paraizo;

Egreja da Serra do Pilar;

Mosteiro da freguezia de Grijó, com obras d'arte de subido valor.

Um tumulo de pedra, em bom estado de conservação, com os restos mortaes de Alvarianes Cernache, alferes que foi da *Ala dos Namorados*. Tem um epitaphio de treze linhas, gravado em lamina de metal. Este tumulo existe na egreja do extincto convento de Corpus Christi, e está sobre uma porta lateral da mesma egreja

(Continua)